

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

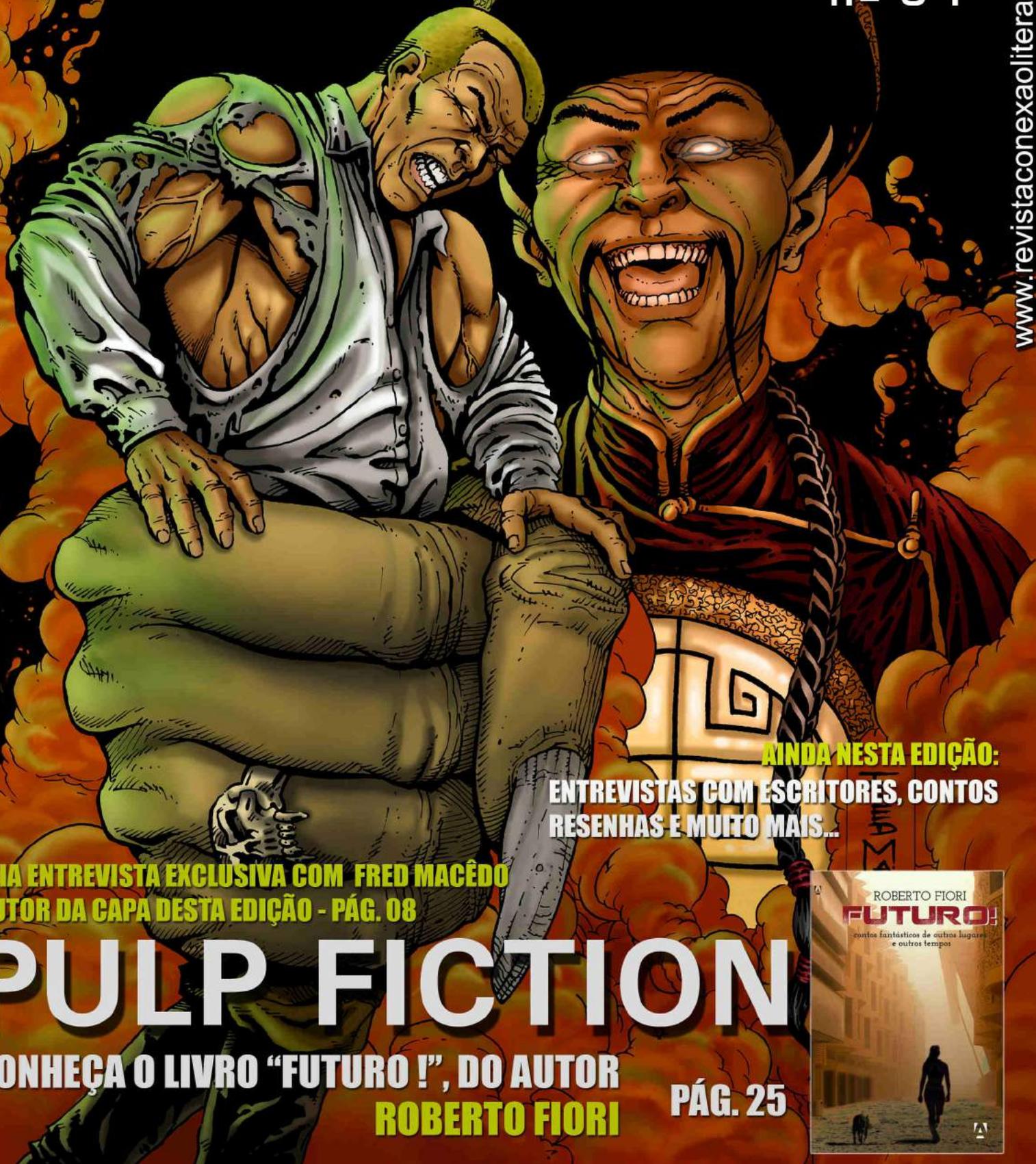
— conexão —

Literatura

Abril / 2018

nº 34

www.revistaconexaoliteratura.com.br



AINDA NESTA EDIÇÃO:

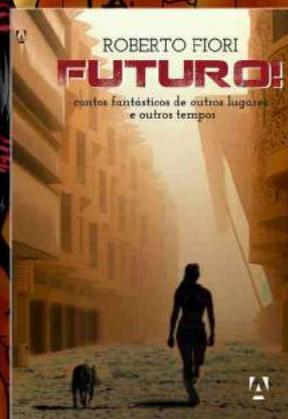
**ENTREVISTAS COM ESCRITORES, CONTOS
RESENHAS E MUITO MAIS...**

**LEIA ENTREVISTA EXCLUSIVA COM FRED MACÊDO
AUTOR DA CAPA DESTA EDIÇÃO - PÁG. 08**

PULP FICTION

**CONHEÇA O LIVRO "FUTURO!", DO AUTOR
ROBERTO FIORI**

PÁG. 25



SUMÁRIO

Editorial: Por Ademir Pascale, pág. 03
Parceiros da Revista Conexão Literatura, pág. 04
Especial: Pulp Fiction (capa), por Ademir Pascale, pág. 05
Entrevista com Fred Macêdo (Artista Visual), pág. 08
Livraria Conexão Literatura, pág. 20
Crônica: O gênio voltou a fazer parte do cosmo, por Rafael Botter, pág. 23
Cobertura de Evento Literário: Mulheres de Sombras, por Eudes Cruz, pág. 26
Núcleo de Escritores do Grande ABC, por Sérgio Cimka e Cida Simka, pág. 30
The Beatles - Da Música à Literatura, por Ademir Pascale, pág. 35
Entrevista com Fernando Costa (Escritor), pág. 39
Entrevista com Monny Esmeralda (Escritora), pág. 44
Entrevista com Anderson Borges Costa (Escritor), pág. 48
Entrevista com Dr. Roberto Martins de Souza (Escritor), pág. 54
Entrevista com George Ornellas (Escritor), pág. 59
Entrevista com José Paulo Lanyi (Escritor), pág. 62
Poesia: À Neusa, por Cristiane de Mesquita Alves, pág. 67
Conto: O Corpo no Rio, por Míriam Santiago, pág. 69
Conto: O Vendedor de Balas, por Cecília Torres Nogueira, pág. 74
Saiba como participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 77

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor Geral

COLABORAM NESTA EDIÇÃO

Eudes Cruz - Colunista/Colaborador - (Cobertura de Evento Literário da pág. 26)
Rafael Botter - Colunista/Colaborador - (Crônica da pág. 23)

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse:
www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html

Capa: Ademir Pascale. Arte da capa: Fred Macêdo

Patrocinam esta edição:

Míriam Santiago - Drago Editorial - Casa Projetos Literários - Núcleo de Escritores do Grande ABC

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição de Conexão Literatura, acesse: www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

Para entrar em contato, escreva para: pascale@cranik.com ou ademirpascale@gmail.com
c/ Ademir Pascale - Editor

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR



Com uma capa especialmente elaborada pelo artista Fred Macêdo (confira entrevista nas próximas páginas), para esta edição da revista Conexão Literatura, destacamos as pulp fictions. Mas não fique confuso(a), pois não falaremos do filme Pulp Fiction, de Quentin Tarantino, mas sobre as revistas com folhas de baixa qualidade surgidas no início da década de 1900. Os dois personagens da nossa capa foram desenhados em homenagem ao herói Doc Savage, publicado entre 1930 e 1940 nas pulp fictions e o doutor Fu Manchu, um gênio do crime que foi personagem de uma série de novelas do escritor inglês Sax Rohmer, tendo adaptação para os quadrinhos, tevê, rádio e cinema. As pulp fictions eram publicações com capas apelativas que destacavam histórias de ficção científica, terror e fantasia. Muitos nomes importantes escreveram para revistas pulps, como Isaac Asimov. Personagens conhecidos mundialmente como Zorro e Tarzan, surgiram de revistas pulp, que tiveram uma popularidade imensa, assim como as nossas séries televisivas da atualidade. Você poderá conferir mais sobre as pulp fictions nas próximas páginas.

Ainda nesta edição: matérias, entrevistas, contos e poesia, além do lançamento da



nova seção da Livraria Conexão Literatura, com muitas dicas de livros.

Tenham uma ótima leitura e até a próxima edição!

Ademir Pascale

Editor da Revista Conexão Literatura. Membro Efetivo da Academia de Letras José de Alencar.

Já publicou contos no Brasil, França, Portugal e México. Autor dos romances “O Desejo de Lilith”, “Caçadores de Demônios” e “Crossroads – Quando os destinos se cruzam”, além de organizador do livro “Possessão Alienígena”, a ser lançado pela Editora Devir ainda esse ano. Fã nº 1 de Edgar Allan Poe, adora pizza, séries televisivas, heróis da Marvel, DC e HQs. E-mail: ademirpascale@gmail.com



conexão Literatura

Nossos Parceiros:

clique sobre os links

www.livrodestaque.com.br

poesiaqueencantavida.blogspot.com.br

travelingbetweenpages.blogspot.com.br

www.tatianecdesouza.com.br

dailyofbooks.blogspot.com.br

meupassaporteliterario.blogspot.com.br

www.divulgalivros.org

tomoliterario.blogspot.com.br

www.bookstimebrasil.com.br

entrelinhasdirecionadas.blogspot.pt

deusa1000.wixsite.com/leituracomcafe

www.facebook.com/groups/complexo.tuthor

www.encantoliterario.com.br

www.dear-book.net

www.sugestoesdelivros.com

literaturaporamor1.blogspot.com.br

prosaescrita.wordpress.com

suka-p.blogspot.com.br

topensandoemler.blogspot.com.br

blogjovensescritores.wixsite.com/escritores

dose-of-poetry.blogspot.com.br

www.facebook.com/jornaltuthor

coleccionadoromances.blogspot.com.br

ateultima pagina.wordpress.com

literaleitura2013.blogspot.com

osretratosdamente.blogspot.com

www.estantedowilson.com.br

miriammorganuns.blogspot.com.br

www.livreando.com.br

cinecurtaa.blogspot.com.br

lendocomdaniel.blogspot.com

www.cafeinaliteraria.com.br

www.sonhandoatravesdepalavras.com.br

www.misteriosliterarios.com

www.salaliteraria.com.br

www.cinderelasliterarias.com

esoportunovagao.blogspot.com.br

www.literagindo.com.br

leiturasdaketellyn.blogspot.com.br

www.facebook.com/tuthorRPG

contaseumlivro.blogspot.com.br

stelivros.wordpress.com

Curta nossa Fanpage: 

www.facebook.com/conexaoliteratura



PULP FICTION

Por Ademir Pascale

A Timely Comics, surgida em 1939, publicou pulps e reuniu diversos trabalhos do editor Martin Goodman, que publicava revistas pulp, histórias em quadrinhos e livros de bolso. Posteriormente a Timely Comics mudou para o conhecido nome Marvel Comics.

– Ademir Pascale

As pulp fictions, que eram revistas com papel de baixa qualidade, surgiram no início da década de 1900. Podemos dizer que elas eram as nossas séries televisivas de hoje e tinham uma boa popularidade.

Suas capas geralmente eram apelativas, com personagens de histórias de terror, ficção científica e fantasia. Doc Savage, criado pelo empresário Henry W. Ralston e o editor John L. Nanovic da Street and Smith

Publications, herói que foi publicado em revistas pulp entre 1930 e 1940, foi lindamente representado na capa da nossa edição, elaborada pelo artista Fred Macêdo. Já o imortal e gênio do crime Fu Manchu, personagem fictício e membro da família imperial, também está em nossa capa. Ele foi o personagem de uma série de novelas do escritor Sax Rohmer, produzidas na primeira metade do século XX.

Autores de renome publicaram em revistas pulp, como Isaac Asimov (1920-1992), um dos principais e mais conhecidos escritores de Ficção Científica. Personagens como Tarzan e Zorro surgiram em revistas pulp. Alan Moore, grande fã das revistas pulp, criou Tom Strong, com histórias que fazem referência aos quadrinhos da Era de Ouro. Tom Strong foi publicado no Brasil pela Panini Comics, Devir e Pixel Media.

Outro conhecido personagem que apareceu em revistas pulp foi O Sombra, publicado também em tiras de jornal, quadrinhos e posteriormente em séries televisivas.

A Timely Comics, surgida em 1939, publicou pulps e reuniu diversos trabalhos do editor

Martin Goodman, que publicava revistas pulp, histórias em quadrinhos e livros de bolso. Posteriormente a Timely Comics mudou para o conhecido nome Marvel Comics.

Já a revista *Amazing Stories*, lançada em 1926, publicou histórias de ficção científica e foi uma das principais revistas que definiu o gênero ficção pulp. A revista foi publicada por cerca de oitenta anos e sua última edição foi publicada em março de 2005. Seu site oficial, com muitas informações sobre as suas publicações, ainda permanece no ar e poderá ser conferido no endereço:

<http://amazingstoriesmag.com>.

Uma lista com todas as capas da revista poderá ser conferida na página:

http://www.philsp.com/mags/amazing_stories.html.

As pulp fictions foram muito importantes para o crescimento das revistas e heróis que vieram posteriormente. E aqui fica a nossa homenagem e o nosso obrigado aos editores e artistas que criaram e trabalharam arduamente nestas edições.



Ademir Pascale
ademirpascale@gmail.com



ANUNCIE NA REVISTA CONEXÃO LITERATURA

CLIQUE AQUI

PARA SABER MAIS OU ADQUIRIR O LIVRO;
CLIQUE AQUI



ENTREVISTA COM FRED MACÊDO

Por Ademir Pascale

Nascido em 30 de junho de 1972, em Fortaleza, Ceará, começa a desenhar ainda criança primeiramente inspirado nos Clássicos Disney. Na adolescência, abandona o sonho de se tornar quadrinista para estudar engenharia, curso que não conclui, indo trabalhar como corretor de seguros. Em 2008 deixa o ramo securitário para correr atrás do antigo sonho. Forma-se Artista Visual em 2013 pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), instituição onde atualmente trabalha como artista-professor-pesquisador. Teve trabalhos publicados no Brasil, Portugal, Itália e França.

ENTREVISTA:

Conexão Literatura: Como foi seu início na área de desenhos e ilustrações?

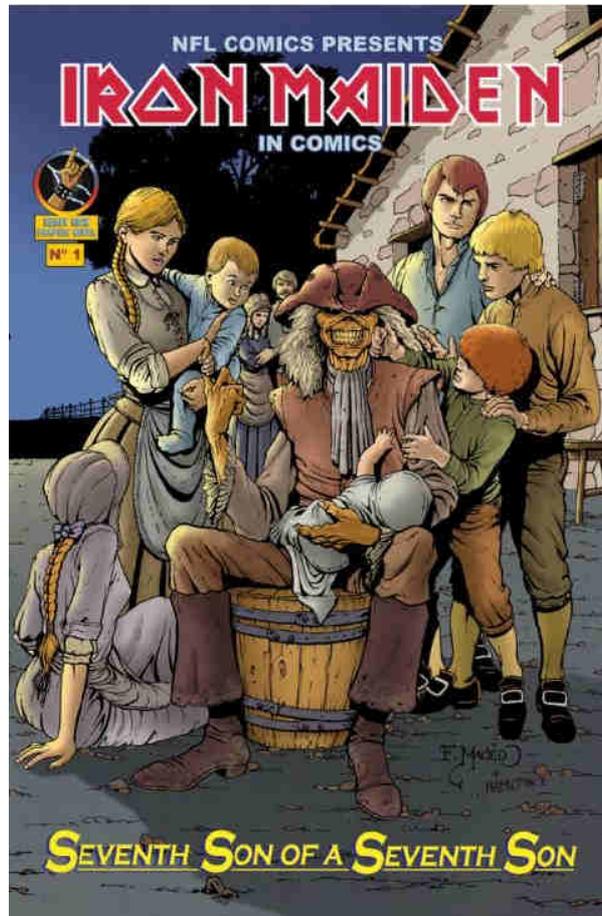
Fred Macêdo: Antes de mais nada, gostaria de agradecer ao convite do Ademir Pascale para esta entrevista e externar a



minha satisfação em poder dialogar um pouco com os seus leitores. Como todo desenhista, comecei a desenhar por puro diletantismo. Até onde eu me lembro, desenho desde que aprendi a segurar um lápis, reminiscência esta sempre confirmada pelos meus pais. Entretanto, até 2005, eu estava completamente afastado de toda e qualquer atividade artística, à exceção de algum eventual rascunho em folhas soltas que podiam ser guardanapos ou cantos de agenda. Por volta dos meus 18 anos, como não via perspectivas profissionais como ilustrador, fui me dedicar à engenharia mecânica (adoro as ciências em geral, acho que vem daí a paixão pela ficção científica). Nesse período, concomitantemente ao curso de engenharia, eu me dedicava profissionalmente ao ramo securitário, trabalhei por mais de 15 anos como corretor de seguros. Mas, em virtude das contingências do trabalho como corretor e, principalmente, por certa falta de maturidade, eu abandonei a engenharia. Acho que teria sido muito feliz como engenheiro. É uma profissão que requer muita criatividade e jogo de cintura, entretanto, à época, era desalentador estudar

engenharia e vender seguros. Mas era o que pagava as contas. Voltando ao ano de 2005, um amigo de muito tempo, o Geraldo Borges (quadrinista cearense que trabalha para o mercado americano: Marvel, Dark Horse e DC Comics, também engenheiro de formação), entrou em contato comigo informando a respeito de um evento sobre quadrinhos que se realizaria no Centro Cultural Dragão do Mar, um equipamento cultural do governo estadual do Ceará em Fortaleza. O nome do evento era Panorama 9ª Arte. Até aquele momento eu não pensava mais, pelo menos não conscientemente, em desenhar quadrinhos, mas resolvi comparecer ao evento, até mesmo por insistência da minha esposa. Na ocasião, assisti a várias palestras e percebi como as coisas estavam mais favoráveis para quem quisesse se aventurar como desenhista de quadrinhos, particularmente por causa da internet que facilitava o diálogo com agências, editoras e outros clientes. Durante o evento, conheci através de outro amigo, o Daniel Brandão (que é uma referência na produção e principalmente ensino de quadrinhos no Ceará), alguns alunos da UFC (Universidade

Federal do Ceará) que estavam juntamente com o seu coordenador de curso, reativando um antigo projeto de extensão, a Oficina de Quadrinhos da UFC. Foi aí que pensei: “Essa é a hora”! Acabei me juntando ao pessoal da Oficina tendo em vista me aprofundar nos fundamentos da linguagem dos quadrinhos. Sempre fui autodidata nas artes, mas um curso encurta caminhos. Poucos se dão conta, mas fazer quadrinhos é muito trabalhoso, pois é extremamente braçal. Formar um profissional, então, é muito demorado! Você tem que desenvolver uma série de competências que só se aprende com muito estudo e prática. O desenho para os quadrinhos requer a apropriação de toda uma gramática visual (muito próxima à do cinema), só assim um artista estará apto a fazer um trabalho atraente estabelecendo



uma narrativa com imagens que atenda à uma proposta temática específica. Passei a investir mais. Comprei os livros do Will Eisner, do Scott McCloud e adquiri muitos outros que nos meus tempos de adolescente não chegavam aqui (Brasil). Graças à internet consegui o How to Draw Comics The Marvel Way (do Stan Lee e John Buscema), os livros do Burne Hogarth, assim como outros igualmente interessantes e que eram clássicos nas escolas americanas de arte, como os livros do Andrew Loomis, por exemplo. Hoje tudo é mais fácil para quem quer uma formação sólida, ainda que independente. É só correr atrás! Entretanto, conquanto uma educação autodidata possa fornecer tudo o que se precisa, ela consome anos preciosos. Para mim a educação formal é imprescindível. Um bom professor vai te mostrar atalhos. Foi aí que, em 2008, fiz

vestibular para o Curso de Licenciatura em Artes Visuais (CLAV) do IFCE, instituição onde me formei em 2013, aos 41 anos. Na época o curso não tinha uma disciplina específica de quadrinhos, mas fui desenvolvendo uma visão mais madura da arte como um todo e, principalmente, sobre o processo criativo. No ano seguinte prestei concurso e atualmente me encontrando lecionando no mesmo curso. Tergiversei um pouco, mas, respondendo à sua pergunta de forma mais objetiva, decidi levar uma vida como quadrinista e ilustrador em 2005, durante o Panorama Nona Arte. Prestando os devidos créditos, devo dizer que a minha esposa teve um papel fundamental nisso tudo, pois se não fosse ela, eu não teria ido ao evento de quadrinhos, não teria abandonado a profissão de corretor de seguros em 2008, nem teria me inscrito no

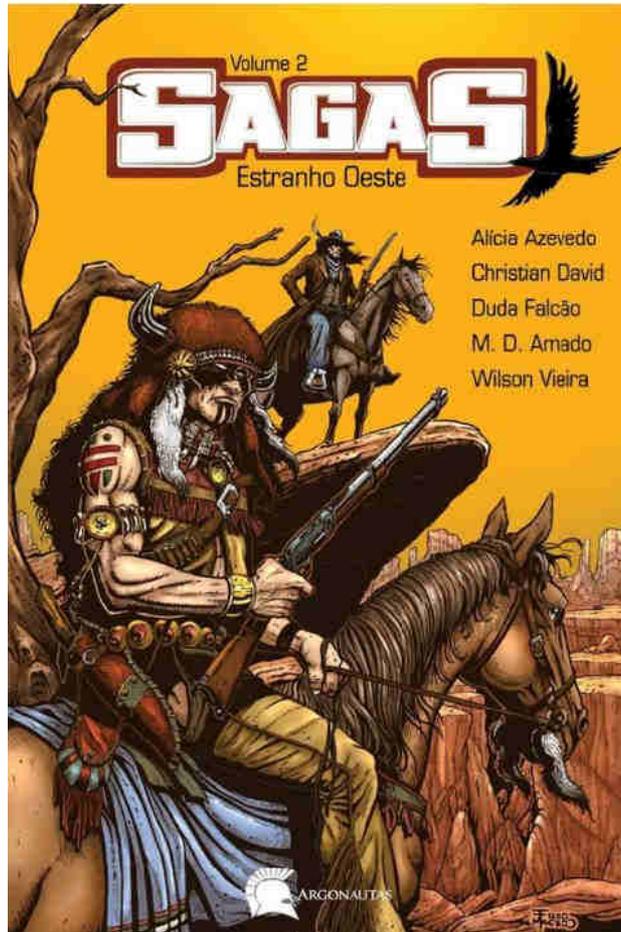
vestibular, me formado e prestado concurso. Trocando em miúdos: “a culpa é dela!”

Conexão

Conhecemos

Literatura:

o seu trabalho através das belas ilustrações que você fez para os livros Comboio de Espectros e Treze, do autor Duda Falcão (Editora Argonautas). Poderia comentar?



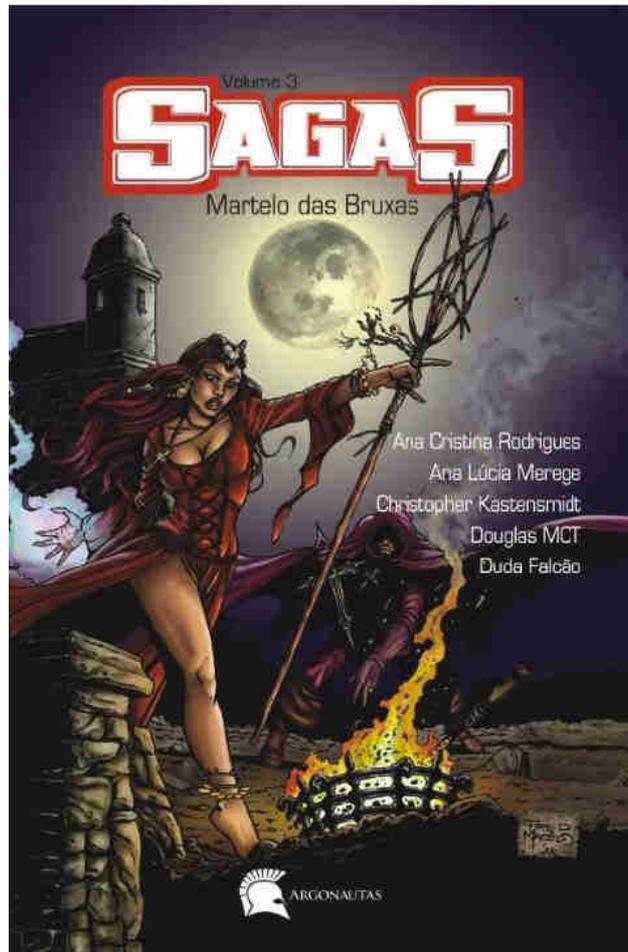
Fred Macêdo: Eu comecei a fazer trabalhos para a Editora Argonautas, dos amigos Duda Falcão e Cesar Alcázar, em 2010,

para uma publicação que sairia em 2011 (se não me engano). O nome da coleção era Sagas e o meu primeiro trabalho para a Argonautas foi com o volume 2, que tinha o título: Estranho Oeste. Para esclarecer melhor como cheguei até eles, permitam-me uma digressão. A partir de 2006 eu montei um blog aonde “publicava” os meus desenhos. Era uma ótima vitrine

para quem queria mostrar os trabalhos e tentar o mercado de ilustração e quadrinhos. Muitas das minhas postagens eram com o tema de western, gênero que simplesmente adoro, e foi aí que um roteirista residente em São Paulo, o Wilson Vieira, também um apaixonado por faroeste, me contatou. O Wilson foi um pioneiro no mercado estrangeiro. Trabalhou na Itália como desenhista de quadrinhos nas décadas de 70 e 80 (salvo engano). Desenhou o Diabolik (personagem com mais de 50 anos de vida editorial), o Homem-Aranha (como ilustrador), talvez o primeiro brasileiro a desenhar o aracnídeo profissionalmente, além de uma infinidade de outros trabalhos. Ele me perguntou se eu não queria ilustrar as histórias dele. Topei na hora e começamos a produzir umas histórias que publicamos na Itália, Portugal, Argentina (ou foi Uruguai), França e por aí vai. Voltando ao assunto da minha ligação com a Editora Argonautas, o Wilson foi convidado para publicar um conto no volume 2 da coleção Sagas e sugeriu o meu nome como ilustrador da publicação. De lá para cá foram sete títulos. Três volumes da Série Sagas: Estranho Oeste (vol. 2), Martelo

da Bruxas (vol. 3) e Odisseia Espacial (vol. 4), um volume de contos independentes do Cezar, chamado Bazar Pulp, e concluindo com uma trilogia de contos do Duda: Mausoléu, Treze e Comboio de Espectros. Estes trabalhos foram muito bem recebidos, não só pela qualidade do texto ou ilustrações, mas também pelo belíssimo projeto gráfico e diagramação da talentosíssima Roberta Scheffer. Com muita sensibilidade, ela conseguiu estabelecer em cada trabalho uma identidade visual que dialogava com cada tema abordado, sem falar na forma habilidosa com a qual utilizou as ilustrações ao longo do livro, enriquecendo-a ainda mais. Esses foram trabalhos que me deram muito prazer. Gosto do gênero fantástico e trabalhar para a Argonautas é muito bom porque tenho muita liberdade de criação. Desde garoto eu via trabalhos como os do Jack Davis para a EC Comics, as capas do Frank Frazetta para algumas publicações Pulp e esse universo preenchia o meu imaginário juvenil. Havia, do meu ponto de vista, um certo glamour na figura do artista sentado à prancheta somente com uma luminária acesa

criando esses mundos fantasiosos. Também fui leitor de Mary Shelley, Edgar Allan Poe, H. P. Lovecraft, Bram Stoker, Robert Louis Stevenson, H. G. Wells, entre outros. Esse era o universo do fantástico que, quer pelos quadrinhos, quer pela literatura pulp, foi me fornecendo subsídios temáticos e iconográficos para trabalhos futuros. Eu queria muito fazer o que aqueles artistas faziam. Paradoxalmente eu gostava de ciências, bem como adorava muito esse universo ficcional do fantástico. A ciência tem um mistério que me atraía muito. Essa ligação da ciência com o fantástico e a ficção científica não é caso raro. Vejam os casos do Julio Verne e Isaac Asimov. Li certa vez que para a elaboração do livro *Da Terra à Lua*, Júlio Verne buscou consultoria com engenheiros e



cientistas para saber que pontos da Terra seriam melhores para o lançamento de um projétil para o espaço. Vejam só que espírito minucioso e perfeccionista. Já Asimov era bioquímico de formação e autor de obras não só de divulgação científica, mas também de ficção científica. Saliento tudo isso para reforçar da necessidade de boas referências e muita pesquisa para se fazer um trabalho artístico atraente. Foi a partir desse universo que constituí grande parte do meu repertório temático e

imagético. Ser artista tem essa vantagem, você pode fantasiar sobre tudo e falar aos outros em níveis que a palavra escrita ou oral não conseguem alcançar.

Conexão Literatura: Verificando os seus trabalhos no site Deviantart (<https://fredmacedohq.deviantart.com/gallery>), notamos que

você é fã do Tex. Conte pra gente desde quando é fã dos quadrinhos de faroeste e como foi fazer estas belas ilustrações retratando o personagem.

Fred Macêdo: Sou fã do Tex desde o número 140, de fevereiro de 1982, ainda na 1ª edição pela extinta Editora Vecchi. Meus pais foram fazer a feira no supermercado e voltaram com essa revista. O artista que ilustrou essa edição foi o Guglielmo Letteri e o título era Tucson. Infelizmente perdi quase todas as minhas edições para o tempo e o mofo. Só tenho agora uns Tex Gigantes e edições especiais com artistas de minha preferência e que uso para consulta pessoal como o Giovanni Ticci, Alberto Giolitti e o Claudio Villa, só para citar três dos grandes mestres. Existem outros artistas mais recentes que também adoro, como os irmãos Cestaro e o Civitelli, mas não vou ficar aqui elencando os nomes para não alongar mais. Voltando aos westerns, em termos mais gerais, sou fã desde quando era garoto. Só para dar uma ideia, tenho guardado aqui em casa desenhos meus do Cavaleiro Solitário (quando eu era garoto ele era chamado de Zorro) que datam de aproximadamente

1980. Eu nasci em 1972. Eu adorava à série do personagem que passava na TV Cultura. Era com o Clayton Moore (Lone Ranger) e o Jay Silverheels (Tonto). Eu deixava a TV ligada e ficava brincando ao lado dela até tocar a música tema do William Tell. Havia também a Sessão Western, que passava na Globo aos sábados (se não me engano). Não perdia uma! Eu assistia aquilo tudo e depois ia desenhar. Adorava ver o Terence Hill e Bud Spencer, Randolph Scott (o cowboy da cara de pedra), John Wayne, Burt Lancaster e o Kirk Douglas, Yul Brinner, Charles Bronson, etc. Para mim o western era algo que mitológico. Aliado à trama vinham as trilhas sonoras inesquecíveis de compositores como o Dimitri Tionkin, Elmer Bernstein e do inigualável Ennio Morricone. Acho que eu via no cowboy do Velho Oeste, aquela mesma figura do cavaleiro medieval que vagava em busca de aventuras sem nunca parar em um lugar fixo. Todo esse clima já me envolvia bem antes do Tex. Havia outros personagens como o Johan Hex, o Escalpador e outros anti-heróis dos quadrinhos. Uma coleção bastante marcante para mim foi a Storia del West (aqui publicado

primeiramente pela Ebal sob o título de Epopéia Tri) do fantástico Gino D'Antonio. Na minha opinião, um trabalho gráfico e de pesquisa histórica poucas vezes igualado. Ele abarca todo o período do Velho Oeste, aproximadamente de 1860 a 1890, e um pouco mais. Também gostava muito das histórias em quadrinhos do Zorro (o verdadeiro, aquele da capa e espada), particularmente dos desenhos do Alex Toth. Também me divertia muito com a série de TV do personagem produzida pela Disney e estrelada pelo Guy Williams. Até hoje uso os cenários mexicanos da velha Califórnia das primeiras décadas do século XIX em meus trabalhos e que foram tão bem caracterizados na série. Mas, voltando ao Tex, desenhar o personagem hoje, ainda que não diretamente para a Bonelli



Editore, mas como fã e para ilustração de livros que tratam do personagem, é algo muito prazeroso. Creio que é o resgate de toda essa memória afetiva e a consumação, em ilustrações, de um repertório iconográfico que foi se constituindo a partir dessas fontes. A minha percepção é que, “visualmente”, ele é meio “asséptico”. Sua concepção gráfica está muito mais ligada à estética do western limpinho de Hollywood que dos anti-heróis sujos dos spaghetti westerns (westerns italianos). Essa fidelidade na representação da crueza do Velho Oeste se encontra muito mais presente em personagens dos filmes do Sergio Leone ou do Sergio Corbucci do que nos cowboys engomadinhos como o Roy Rogers e o Clayton Moore. Não estou dizendo que não os aprecio, nem quero parecer desdenhoso, mas aquela era uma

estética de Hollywood. Aquele coldre bonitinho cheio de gravações no couro e enfeites prateados, balançando na altura da coxa e não junto da cintura, não existia no Velho Oeste, são filigranas de Hollywood para conferir um aspecto mais glamoroso e dramático aos personagens. Para ilustrar como isso foi reforçado, tomo como exemplo o plano cinematográfico chamado de “plano americano”, criado pelo David W. Griffith. Ele é muito usado nos filmes de western exatamente por que valoriza o coldre dos cowboys. Ao fazer o corte do personagem do joelho para cima, evidencia-se o coldre amarrado junto da coxa, o que traz um apelo dramático e confere um certo charme e poder. Dessa forma, ao desenhar o Tex, tento colocar mais de Hollywood e menos de spaghetti, pois este é o visual que atrai o fã. Reitero: essa é uma percepção minha. O Paolo Eleuteri Serpieri, fez uma versão mais “subversiva” do Tex com os coldres cruzados “à la” Wild Bill Hickok. Substituiu até os clássicos pares de Colts Peacemakers por dois Colts Navy. Mas estamos falando aqui do pai da Druuna. Este ano o personagem fará 70 anos. Isso! O

Tex foi criado em setembro de 1948 pelo Gianluigi Bonelli e pelo Aurelio Gallepini. Poucos personagens são tão longevos e foram publicados de forma ininterrupta por tanto tempo! O Super-Homem é de 1938 e o Batman de 1939, só para se ter uma ideia do peso que isso tem em termos editoriais. O co-criador do Tex, o desenhista Gallepini, salvo engano, até a sua morte, havia desenhado mais de 10 mil páginas do personagem. Isso é tanto quanto uma Enciclopédia Britânica. É um projeto de vida! Daí porque não se deve dessacralizar sua figura. Pelo menos não em edições regulares ou em ilustrações mais frequentes.

Conexão Literatura: Em média, quanto tempo você demora para concluir uma ilustração como a que fez para os livros do Duda Falcão?

Fred Macêdo: Olha, as pessoas costumam achar que o artista é aquela figura inspirada e iluminada, o tipo do gênio renascentista que simplesmente senta e desenha por pura inspiração. A verdade é que desenhar não é tão fácil assim, muito menos desenhar de forma comercial, com prazos. Essa

coisa do processo criativo é muito complicada. Tem dias que as coisas saem mais fáceis e outros não. Quando as ideias não fluem você tem que “parir” a inspiração para atender prazos.

Charles Watson, um escocês radicado no Brasil há uns 40 anos, que é educador e palestrante, especializado no estudo de processos criativos, reiteradas vezes afirma aquilo que todo quadrinista e ilustrador sabe na prática: não

existe criatividade sem trabalho reiterado e disciplinado. O fato de se desenhar com frequência nos fornece soluções mais rápidas porque muitas delas já desenvolvemos antes, em outras produções. A questão é que você fica tentando não fazer mais do mesmo e aí, muito embora você já tenha algumas soluções na manga, fica tentando dar outra roupagem. Parafraseando Thomas Edson: “a criatividade é



o resultado de um por cento de inspiração e noventa e nove por cento de transpiração!” Uma capa dupla como aquela última do livro Comboio de Espectros, do Duda Falcão, saiu excepcionalmente rápida, acho que levei umas cinco horas, isso contando só o tempo de elaboração da mesma sem os estudos prévios que mando para o editor avaliar.

Levo mais tempo para fazer a pesquisa iconográfica (que adoro!) e pensar na composição, do que para desenhar uma ilustração.

Conexão Literatura: Você também é professor de desenho?

Fred Macêdo: Sim. Sou professor de desenho, modelagem e quadrinhos (esta última numa disciplina optativa) no Curso de Licenciatura em Artes Visuais (CLAV) do Instituto Federal de

Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará IFCE.

Conexão Literatura: Em quais projetos trabalha atualmente?

Fred Macêdo: Prioritariamente eu estou pesquisando para uma série de ilustrações que pretendo desenvolver para a minha dissertação de Mestrado em Artes, onde

trabalho os temas do fantástico e do grotesco. Ando também coletando material para umas ilustrações em comemoração aos 70 anos do personagem Tex. Vez por outra, faço trabalhos por encomenda. O trabalho como professor me absorve durante toda a semana e muitas vezes aos sábados pela manhã, então trabalho muito à noite e nas tardes dos fins de semana. Adoro trabalhar no sábado à tarde,

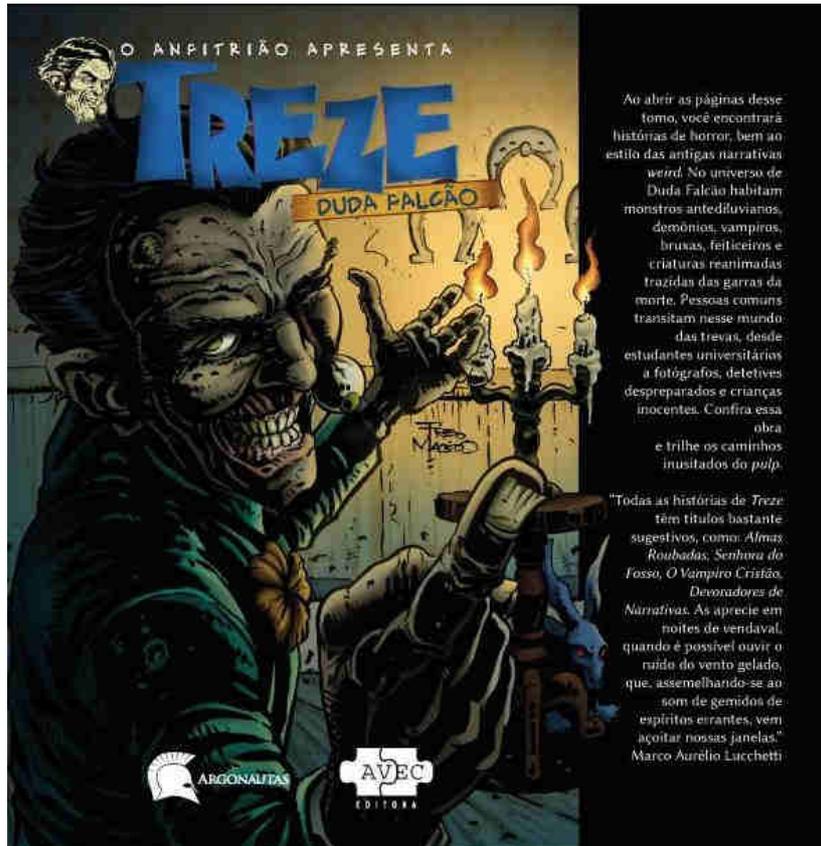
ainda mais neste período chuvoso. No Ceará tempo nublado é bonito!

Conexão Literatura: Como os interessados deverão proceder

para saber mais sobre os seus trabalhos e contratá-lo para capa e ilustrações diversas?

Fred Macêdo: Meus trabalhos podem ser vistos na minha página no Deviantart (<https://fre>

[dmacedohq.deviantart.com/gallery](https://fre)), ou numa busca pelo Google Imagens, basta escrever Fred Macêdo que aparece muita coisa. Meus contatos são: fredmacedo@yahoo.com.br ou (85) 99961-6515. Gostaria de divulgar também os contatos do meu colorista, Robson Albuquerque, artista talentosíssimo, parceiro de muitas capas e que também foi meu colega de faculdade:



“Ao abrir as páginas desse tomo, você encontrará histórias de horror, bem ao estilo das antigas narrativas *weird*. No universo de Duda Falção habitam monstros antediluvianos, demônios, vampiros, bruxas, feitiços e criaturas reanimadas trazidas das garras da morte. Pessoas comuns transitam nesse mundo das trevas, desde estudantes universitários a fotógrafos, detetives despreparados e crianças inocentes. Confira essa obra e trilhe os caminhos inusitados do *pulp*.”

“Todas as histórias de *Treze* têm títulos bastante sugestivos, como: *Almas Roubadas*, *Senhora do Fosso*, *O Vampiro Cristão*, *Devoradores de Narrativas*. As aprecie em noites de vendaval, quando é possível ouvir o ruído do vento gelado, que, assemelhando-se ao som de gemidos de espíritos errantes, vem acóitar nossas janelas.”
Marco Aurélio Lucchetti

robsonabsilva@gmail.com e (85) 99794-8454.

Perguntas rápidas:

Vamos lá, desde já pedindo perdão aos excluídos.

Um livro: Cosmos, uma viagem pessoal, por Carl E. Sagan (inspirador!).

Um (a) autor (a): Umberto Eco (gênio enciclopédico).

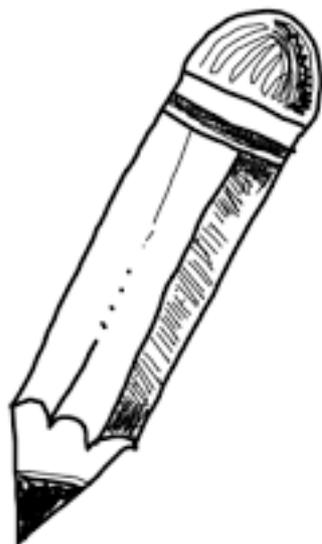
Um ator ou atriz: Charles Chaplin (gênio inigualável!).

Um filme: Os Duelistas (filme lançado em 1977 que marca a estreia do diretor Ridley Scott).

Um dia especial: Cada dia novo!

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Fred Macêdo: Gostaria de agradecer primeiramente ao editor desta revista, Ademir Pascale, não só pela oportunidade desta entrevista, mas pelo prazer em poder ilustrar a capa desta edição. Agradeço também aos leitores pela paciência, desde já desculpando-me por certa empolgação que o assunto me proporciona, esperando não tê-los enfadado. Agradeço à minha família, por todo o apoio que tive em minha trajetória, particularmente como artista. Por fim, last but not least, agradeço a todos aqueles que em todos os tempos contribuíram para a minha formação pessoal e profissional. Forte abraço e fiquem com Deus!!



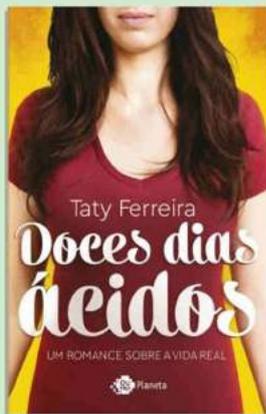
Para saber mais sobre Fred Macêdo, acesse: <https://fredmacedohq.deviantart.com/gallery>

CONEXÃO LITERATURA



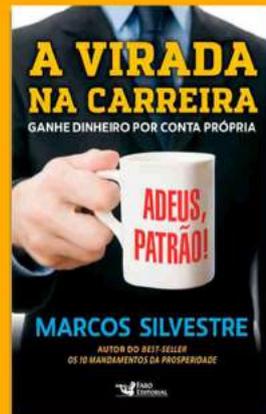
Viver bem é a melhor vingança!
Calvin Tomkins

Acesse



Doces dias ácidos
Taty Ferreira

Acesse



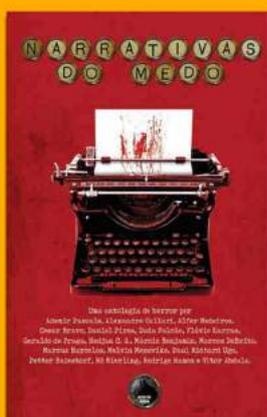
A virada na carreira
Marcos Silvestre

Acesse



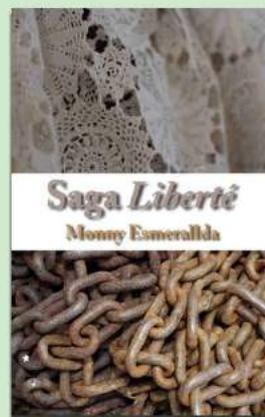
Pressa de ser feliz!
Matheus Rocha

Acesse



Narrativas do Medo
Vários autores

Acesse



Saga Liberté
Monny Esmeralda

Acesse

*“Livros dão alma ao universo,
asas para a mente, voo para a
imaginação, e vida a tudo”
- Platão*

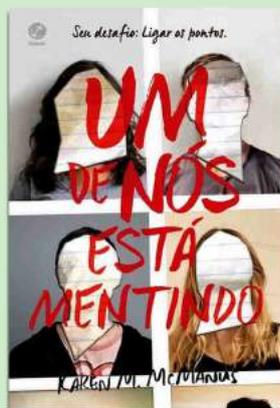
Destaque o seu livro nesta página por R\$ 20,00
em nossa próxima edição, escreva para:
ademirpascale@gmail.com





A Desconhecida
Mary Kubica

Acesse



Um de nós está mentindo
Karen McManus

Acesse



Zeide
Caco Ciocler

Acesse



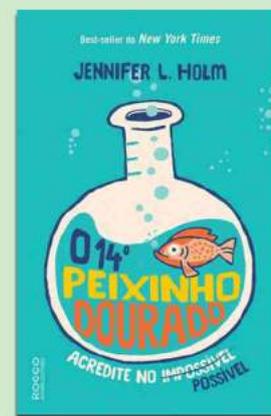
O que o sol faz com as flores
Rupi Kaur

Acesse



Clube da luta feminista
Jessica Bennett

Acesse



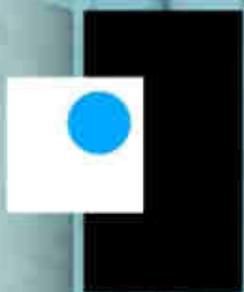
O 14º peixinho dourado
Jennifer l. holm

Acesse

*“Com a liberdade, livros, flores e a lua, quem poderia não ser feliz?”
– Oscar Wilde*

*Destaque o seu livro nesta página por R\$ 20,00
em nossa próxima edição, escreva para:
ademirpascalle@gmail.com*





TOMO LITERÁRIO

Um blog sobre livros

www.tomoliterario.blogspot.com

 @Tomoliterario

 @Tomoliterario

 Tomo Literario

Lançamentos

Resenhas

Escritores

Indicações



O GÊNIO VOLTOU A FAZER PARTE DO COSMO

Por Rafael Botter

botter.rafael@gmail.com

14 de Março de 2018, poderia ser um dia qualquer, corriqueiro e tranquilo, porém tudo mudou e o dia ficou cinza, algo que nós, apaixonados pela ciência e astronomia não queria ler nos portais de notícias online e muito menos nas redes sociais, inúmeras homenagens e uma despedida que abalou o Mundo. Stephen William Hawking nos deixou, ficamos órfãos de uma das mentes mais brilhantes que já pisou na Terra. Quando

jovem, foi diagnosticado com uma doença degenerativa que paralisa os músculos do corpo conhecida como esclerose lateral amiotrófica (ELA). Os médicos deram uma estimativa de apenas dois anos de vida, mas o jovem Hawking foi vitorioso e viveu até os 76 anos, derrubando por terra todas as especulações médicas.

Querido leitor, você deve estar perguntando se o texto é uma crônica ou uma biografia, já respondo! Um pouco dos dois,

pois você vai conhecer um pouco mais da vida e genialidade desse grande homem e também uma crônica, pois é uma singela homenagem ao meu ídolo, minha inspiração de vida.

Hawking superou com maestria todos os obstáculos da vida, nunca deixando ser vencido pela sua doença, batalhou até os últimos minutos da sua existência e sempre amou o que fazia, que era estudar o nosso Universo, estar à frente da tecnologia para desvendar os mistérios do Cosmos.

Quando recebi a notícia, pensei que fosse uma “Fake News”, alguma brincadeira de muito mal gosto, mas infelizmente não, era o fim de um gênio, um legado que vai perdurar por séculos, ele entrou para a história com suas descobertas e sua inteligência indiscutivelmente brilhantes.

Hawking voltou para o Universo, e é uma das mais brilhantes estrelas dessa imensidão da nossa Galáxia.

Duas semanas antes de sua morte, Hawking deixou um artigo do qual diz que há uma maneira de provar a existência de universos paralelos e ainda faz uma previsão do fim deste em que vivemos.

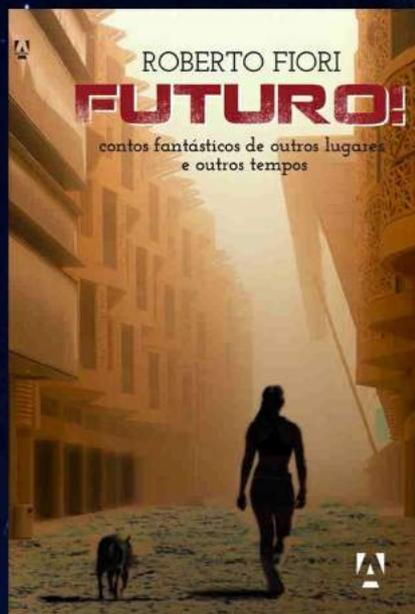
Stephen estabeleceu toda uma base teórica para descobrirmos um universo paralelo, o trabalho foi feito em parceria com o professor de física Thomas Hertog, intitulado: “A Smooth Exit from Eternal Inflation.”

Incrível, não é mesmo? Hawking trabalhou e dedicou intensamente em desvendar e estudar cada vez mais o nosso Universo, encontrar respostas para onde nós vamos e se tudo terá um fim.

Fico me perguntando, será possível aparecer uma outra mente brilhante, da qual supere o grande Stephen Hawking? É ver para crer, mas em minha humilde opinião, não! Sei que é egoísmo da minha parte, mas tudo que Hawking fez e que poderia ter feito mais, é algo humanamente impossível de acontecer novamente.

Deixo minha singela e humilde homenagem para aquele do qual cresci lendo seus artigos e acompanhando na mídia suas conquistas e até mesmo erros, afinal, ninguém é perfeito e Hawking cometeu erros em seus estudos e pesquisas.

Aquele ponto mais brilhante no céu, com certeza é Stephen Hawking que voltou para suas origens, voltou para o cosmos do qual ele nasceu e tanto estudou.



**CONTOS INSTIGANTES, COM O PODER DE
TELETRANSPORTAR ÀS MAIS REMOTAS
FRONTEIRAS DE NOSSO UNIVERSO E
DIFERENTES DIMENSÕES**

Uma obra do autor Roberto Fiori

para adquirir
[clique aqui]



MULHERES DE SOMBRAS

Por Eudes Cruz

Mulheres de Sombras foi o segundo evento organizado e promovido pela ABERST – Associação dos Escritores de Romance Policial, Suspense e Terror. O encontro foi realizado em São Paulo na sede da Rádio Geek.

Cláudia Lemes - autora dos livros *Eu Vejo Kate* e *Um Martini com o Diabo* - é a idealizadora e presidente da

ABERST. Após assistir uma palestra em que uma editora falava sobre a necessidade dos escritores nacionais se unirem, Cláudia arregaçou as mangas e fez acontecer, reunindo um time de escritores que disponibilizam-se voluntariamente para dar corpo e voz à entidade. A associação visa promover os escritores associados e uni-los com o propósito da expansão de seus gêneros literários no mercado editorial. Tem a missão

de facilitar a comunicação e interação entre autores, leitores, editores e blogueiros, bem como promover eventos de incentivo à leitura e divulgar os autores associados.

Escambo de livros usados, venda de livros novos e concessão de autógrafos de autores, além de sorteios de livros e brindes também fizeram parte do evento que aconteceu em março.

A parte central de Mulheres de Sombras foi o debate realizado por escritoras.

PROTAGONISMO FEMININO

O bate-papo sobre o protagonismo de mulheres na literatura foi mediado por Adriana Chaves – editora da Monomito Editorial – e contou com participação das escritoras: Vera Carvalho Assumpção (Caldeirão de Raças e Paisagens Noturnas), Amanda Reznor (Delenda e o Vale dos Segredos), Soraya Abuchaim (A Vila dos Pecados e Até Eu Te Possuir), Paula Febbe (Relato Inspirado por Orelhas e Metástase), Karen Alvares (Alameda dos Pesadelos, Inverso e Reverso) e Renata Maggesi (Arquivos do Mal e A Hora Morta – volume 2).

As escritoras falaram sobre as dificuldades e desafios de escrever personagens femininas. A experiência das mulheres, observadas pelas próprias escritoras, pode tornar a formação da personagem mais fácil, como ressalta Karen Alvares. “É mais fácil pra mim, e mais prazeroso.”

Cada uma das escritoras comentou sobre suas próprias personagens e o local que ocupam dentro da história por elas criadas. Em alguns casos, inclui o uso de suas experiências pessoais, como mencionou Soraya Abuchaim.

Ainda há que se ver na literatura a representação das múltiplas facetas das mulheres, sejam elas antagonistas ou protagonistas. Para as escritoras, é necessário ter empatia, colocar-se na situação do personagem, como exercício para a criação. E, em se tratando de algo que a escritora ou escritor não tenha vivenciado, deve-se usar de pesquisas para formular a criação e torná-la crível.

“Um homem pode escrever sobre mulheres, contanto que ele faça a mesma pesquisa, o mesmo aprofundamento...” - ressalta Adriana Chaves,

reforçando a necessidade de estudar a psique feminina para escrever sobre as mulheres.

Observação e empatia são palavras que caminham lado a lado. No universo da escrita é preciso exercitá-las para transmitir ao personagem ares verossímeis e realistas, independente do gênero do personagem.

No entanto, ainda há uma etapa a ser superada, que é a criação de personagens femininas não carregadas de estereotipia ou de representação de papéis culturais que até agora, ou até pouco tempo, eram relegados a elas. É preciso romper as barreiras impostas e dar ao leitor personagens mulheres capazes de assumir o seu protagonismo de maneira natural.

O apelo da sensualidade e a contaminação pela cultura ainda, por vezes, mostra a mulher na literatura como objeto sexual. Barreira esta que precisa ser vencida.

“Existe uma história de a mulher ser muito abusada durante a vida e achar que o amor é isso.” Alerta Paula Febbe, ao se referir aos livros que abordam as mulheres sob esta visão

objetificada e com submissão em relação ao homem.

As escritoras presentes atuam em um nicho literário que foi, por muitos anos, tido como dominado por homens. As autoras comentaram a dificuldade de ser escritora em tal universo e o que enfrentam para romper as barreiras. Também ressaltaram grandes nomes de escritoras que fizeram e fazem sucesso no universo literário, sobretudo nos gêneros em que elas atuam.

A IMPORTÂNCIA DO DEBATE

O relatório do Fórum Econômico Mundial de 2017 sobre igualdade de gênero, apresenta uma queda que levou o Brasil para a 90ª posição entre 144 países quando se aborda a diferença de oportunidades. Para que homens e mulheres atingissem o mesmo patamar seria necessário cerca de um século. Daí decorre a necessidade de compreender o cenário e provocar ações que auxiliem a mudança do panorama atual.

Entre os 17 objetivos da Organização das Nações Unidas (ONU) para transformar o

mundo figuram a igualdade de gênero e o empoderamento de mulheres e meninas. A construção de uma sociedade livre de preconceitos e discriminações, tem como base a igualdade, o que significa dizer que homens e mulheres devem ter os mesmos direitos e deveres. Contudo, existe ainda um longo caminho para a desconstrução de visões preconceituosas e estereotipadas.

Trazer à tona o assunto do protagonismo feminino na literatura nos faz refletir sobre os tempos atuais. Ainda há no mercado a necessidade de criação de personagens mulheres que sejam comuns. “Muitas ainda estão presas na história que construíram para elas”, frisou Adriana Chaves. Daí decorre a necessidade de debater o tema e trazer para o cenário central mulheres sem estereótipos e que assumam seu protagonismo em paridade com personagens masculinos.

Outrossim, vale dizer, que o debate não se esgota e a provocação necessária para a reflexão está feita.

Eudes Cruz é paulistano. Gestor de processos atuou como coordenador de desenvolvimento de produtos. É apaixonado por livros desde a infância e se aventura por todos os gêneros literários, embora tenha predileção por suspense, terror e policial. Adora animais e reside na capital paulista. Blog: tomoliterario.blogspot.com.br. E-mail: tomoliterario@gmail.com.

SOBRE A ABERST

A Associação Brasileira dos Escritores de Romance Policial, Suspense e Terror conta com vários associados. Podem se associar: escritores, blogueiros literários, youtubers, editores, revisores, capistas e quaisquer pessoas que tenham ligação com o meio literário. Para fazer a sua filiação, as informações podem ser obtidas na página da ABERST no Facebook (<https://www.facebook.com/aberstassociacao>).

Cláudia Lemes preside a associação, que tem em seu conselho os escritores Tito Prates, Fábio Fernandes, Mário Bentes, Jhefferson Passos e Vitor Abdala.

Mais de vinte e cinco blogs são parceiros da associação, o que permite a divulgação dos escritores associados por meio desses e outros canais de comunicação.

O evento Mulheres de Sombras contou com apoio da Rádio Geek (<http://www.radiogeekbr.com.br>).



Foto: Reunião no castelo do músico Robson Miguel, para a escrita de contos de terror

NÚCLEO DE ESCRITORES DO GRANDE ABC

Por Sérgio Simka e Cida Simka

Neste texto, relatamos a experiência com a criação de um Núcleo de Escritores e as ações desenvolvidas em prol da leitura.

Com o intuito de reunir aspirantes a escritores, escritores, estudantes, professores, pessoas que têm em comum o interesse pela escrita, leitura e o fazer literário, foi criado, em junho de 2016, na cidade de Santo André (SP), o Núcleo de Escritores do Grande ABC.

Os encontros eram realizados na Biblioteca Nair Lacerda, em Santo André, até dezembro de 2016. Após março de 2017, estão

sendo realizados na Caverna's, em Santo André, local de propriedade dos escritores Edmir e Norma Camargo.

Desde então, o Núcleo tem desenvolvido uma série de ações e eventos, sintetizados a seguir.

Os membros têm estudado autores representativos das literaturas brasileira, latino-americana, portuguesa, africana e mundial, a fim de que tenham

conhecimento e se possa sistematizar um conjunto de ideias que contribuam para o esclarecimento do processo de criação e do fazer literário.

Têm sido realizados encontros de capacitação literária, linguística e do mercado editorial, por meio de oficinas, workshops e palestras promovidas pelos membros e por convidados (escritores, jornalistas, professores, editores etc.). Como exemplo, temos no primeiro link um bate-papo realizado com o poeta Ricardo Escudeiro; e, no segundo, outro bate-papo com o escritor Manuel Filho, que mereceu destaque no prestigioso PublishNews, uma newsletter diária acerca do mercado editorial:

<http://culturaz.santoandre.sp.gov.br/evento/418/>

<http://www.publishnews.com.br/agenda/12/32/26/9499/2016/12/1601>

Têm sido realizados encontros de leitura nos quais são lidos os trabalhos produzidos pelos membros do Núcleo, em momentos de trocas de experiências, comentários e análises, de modo que a produção literária dos

participantes seja conhecida e estudada, para futura divulgação.

Têm sido promovidos encontros de produção textual nos quais se cria uma ambiência específica para a escrita de gêneros textuais preestabelecidos em reunião, para futura publicação em antologias.

Um desses encontros, denominado Uma Noite no Castelo, aconteceu em abril de 2017 no castelo do músico Robson Miguel, localizado na cidade de Ribeirão Pires (SP), em que os membros passaram a madrugada se inspirando para escrever contos “mal-assombrados” para futura publicação. O evento mereceu destaque no caderno de cultura do influente jornal Diário do Grande ABC:

<http://www.dgabc.com.br/Noticia/2616888/uma-noite-no-castelo>

- Os membros têm participado de lançamentos de livros, palestras etc. que são realizados pelos próprios escritores do Núcleo, como forma de prestigiá-los.

- Igualmente, há a participação do Núcleo em eventos literários

promovidos por outras agremiações literárias e secretarias de cultura da região do ABC.

- Em junho de 2017, o Núcleo promoveu a 1ª. Turnê Literária, ao participar de dois eventos na cidade de Santo André: no primeiro, em uma livraria da cidade, integrou o debate sobre um escritor da região; no segundo, prestigiou o lançamento de novo livro de uma das integrantes do Núcleo.

- Têm sido concorridas as oficinas de escrita/rodas de leitura, promovidas pelos membros do Núcleo, em escolas, faculdades, comunidades etc., de modo a desenvolver o hábito de leitura e a competência escritora de crianças, jovens e adolescentes.

- Por exemplo, o Núcleo participou, em junho de 2017, da V Feira de Troca de Livros da EE Profa. Inah de Mello, em Santo André, realizando um bate-papo sobre o processo de escrita e o hábito de leitura.

- O Núcleo tem desenvolvido ações sociais, como troca de livros, feira de livros, construção de bibliotecas comunitárias,

doação de livros, arrecadação de mantimentos etc. a fim de ajudar instituições beneficentes e incentivar o hábito de leitura.

O Núcleo de Escritores do Grande ABC é formado por um grupo de pessoas que, muito além de escrever, estão preocupadas com a formação de leitores, essenciais, inclusive, para a leitura de seus próprios escritos.

A diversidade de pensamentos nunca foi problema para o convívio entre os integrantes, que conta com pessoas com as mais diversas formações e com duas adolescentes, cuja presença e exemplo podem incentivar muitos outros jovens a entrar para o mundo da leitura e escrita.

Os encontros quinzenais são sempre maravilhosos, pois há respeito, compreensão e incentivo entre os escritores, comportamento disseminado desde a primeira vez que os integrantes se reuniram.

Os escritores desejam executar trabalhos com crianças e adolescentes de comunidades para mostrar a importância da leitura como fator primordial para a formação de cidadãos críticos e seres humanos capazes de transformar a sua própria

realidade. E, claro, criar mecanismos para que eles adquiram vontade de escrever a fim de expressar seus sentimentos e pensamentos.

O Núcleo é aberto à comunidade, o qual terá muito prazer em receber novos membros.

Todos os integrantes, sem exceção, gostam do que fazem e o fazem com dedicação e paixão irrestritas.

E-mail:
nucleodeescritoresdograndeabc@gmail.com



*Sérgio Simka é professor universitário desde 1999. Autor de cinco dezenas de livros publicados nas áreas de gramática, literatura, produção textual, literatura infantil e infantojuvenil. Idealizou, com Cida Simka, a coleção Mistério, publicada pela Editora Uirapuru.

Cida Simka é licenciada em Letras pelas Faculdades Integradas de Ribeirão Pires (FIRP). Coautora do livro *Ética como substantivo concreto* (Wak, 2014) e autora dos livros *O acordo ortográfico da língua portuguesa na prática* (Wak, 2016), *O enigma da velha casa* (Uirapuru, 2016) e *“Nóis sabe português”* (Wak, 2017).

Escrita Total

Curso online com
Edvaldo Pereira Lima

Método intuitivo de escrita criativa
para todo e qualquer tipo de texto

Conteúdo

12 videoaulas.

Exercícios. Textos de apoio. Estímulos inspiradores.

Fórum de email ou na plataforma para interação de reforço.

Webinars ocasionais.

Realização contínua. Você começa quando quiser, tem acesso ilimitado e repetido a todo o conteúdo até seis meses após a inscrição ou até 21/09/2018. O que vier antes.

Carga horária total estimada: 26 horas.

Saiba mais
Clique aqui





THE BEATLES

— DA MÚSICA À LITERATURA —

Por Ademir Pascale

Em Liverpool, no ano de 1960, era formada uma das mais incríveis e aclamadas bandas de rock: The Beatles, mas ela já existia antes disso, mais precisamente criada em 1957, com o nome "The Quarrymen". A formação inicial do grupo era composta por Lennon, McCartney, Harrison, Stuart Sutcliffe e Pete Best, sendo modificada em 1962, por John Lennon (guitarra rítmica e vocal), Paul McCartney (baixo, piano e vocal), George Harrison

(guitarra solo e vocal) e Ringo Starr (bateria e vocal).

Considerado pela crítica como uma obra-prima, o álbum Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band (1967), foi um dos melhores materiais da banda.

Honrados com nada menos que 8 Grammy Awards, segundo a RIAA (Recording Industry Association of América), os Beatles foi a banda que mais vendeu álbuns nos Estados Unidos. Mesmo décadas depois, os Beatles continuam sendo ouvidos e cultuados.

THE BEATLES



CURIOSIDADES:

Em 17 de outubro de 1962, os Beatles apareceram pela primeira vez na tevê, no programa People and Places, em Manchester, na TV Granada.

Certo dia, uma tia de John Lennon disse a famosa frase, quando ela percebeu que ele estava praticando violão, incentivado por sua mãe: "Música não vai te levar a lugar nenhum". Imagina o que aconteceria se ele desse atenção à sua tia?

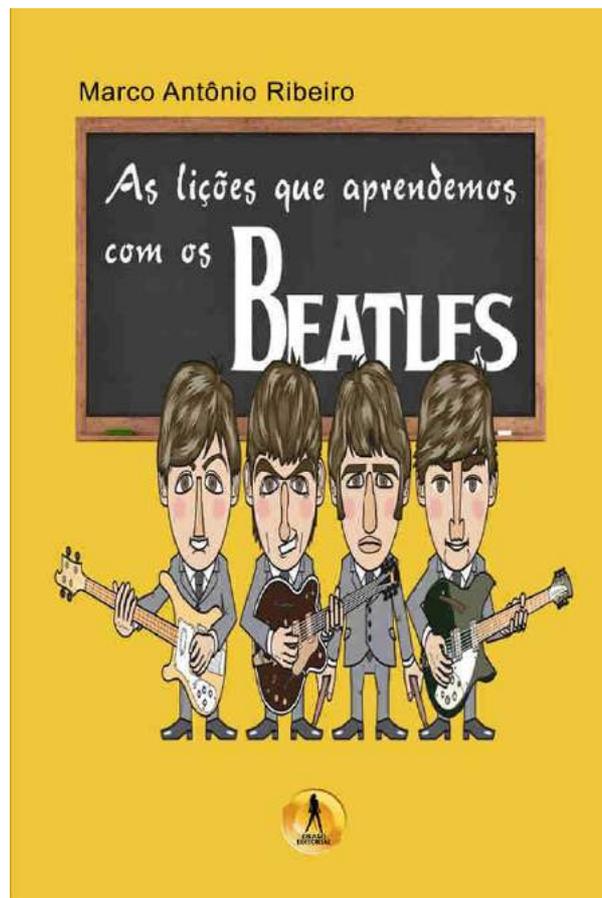
Já no Brasil, Marco Antônio Ribeiro é um aficionado pelos Beatles, ele é radialista e colecionador de mais de 10 mil títulos de discos e lançou pela Drago Editorial, do Rio de Janeiro, o livro “As Lições que Aprendemos com os Beatles”

Beatles é uma das minhas bandas preferidas, seguida de perto por The Doors, Led Zeppelin, Mutantes e Legião Urbana. Não resta dúvida que os Beatles foi a banda mais importante da história do rock, mas os ingleses não chegaram no topo de uma hora para outra. Tiveram que passar por muita

coisa para alcançar o objetivo de ser uma grande banda. Assim como cada um de nós, com nossos objetivos. A diferença é que eles seguiram em frente, ao contrário de muitos de nós, que desistimos no caminho. Tracei esse paralelo para mostrar o que

a história destes músicos maravilhosos podem nos ensinar.

O livro “As Lições que Aprendemos com os Beatles” está sendo um verdadeiro sucesso entre a Beatlemania (fãs dos Beatles), vendido no Brasil e vários outros países.



Segundo o autor, "As lições que aprendemos com os Beatles" é uma obra que tem por finalidade, abordar assuntos relacionados ao desenvolvimento pessoal, tomando como referência parte da trajetória do grupo inglês. Os textos são desenvolvidos a partir de algumas histórias marcantes na carreira dos

garotos de Liverpool, onde se identificam exemplos de insegurança, medo e fragilidade, mas também de superação, motivação e solidariedade, conduzindo o leitor a fazer um paralelo com episódios de sua própria vida.

Ao fazer essas conexões, será possível assimilar preciosas lições, possibilitando uma nova perspectiva de eventos cotidianos que, infelizmente, têm o poder de dificultar ou até impedir a conquista de nossas metas e sonhos.

Ouçó Beatles desde a adolescência. Até passava fome para guardar um dinheirinho e comprar os álbuns. Esse fanatismo me conduziu a pesquisar sobre a vida de cada um. Na década de 80, não

tínhamos internet. Eu pesquisava em bancas de revistas e livrarias tudo o que podia sobre a banda. A coleta de material veio daí. Já a parte comportamental, adquiri em formações em administração, coach e neuro linguística.

Quando passei a estudar os temas de comportamento, liguei os assuntos. Resumindo: eu não parei para pesquisar sobre o conteúdo no livro. Todas as informações já estavam na minha cabeça. Eu só organizei.



Para saber mais ou adquirir o livro “As Lições que Aprendemos com os Beatles”: [clique aqui](#).

FERNANDO COSTA

Autor do livro "Quem educa o meu filho?"

“O amor” é o mais eficiente método psicoterapêutico ao alcance de todos. Amar a si mesmo primeiramente, porque fortalece o Eu interior evitando o desequilíbrio emocional que gera os transtornos psicológicos. Depois, amar o próximo para conjugar sentimentos, sonhos e metas, jamais dependência ou domínio. Por fim e mais importante, amar a Deus.”

ENTREVISTA:

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

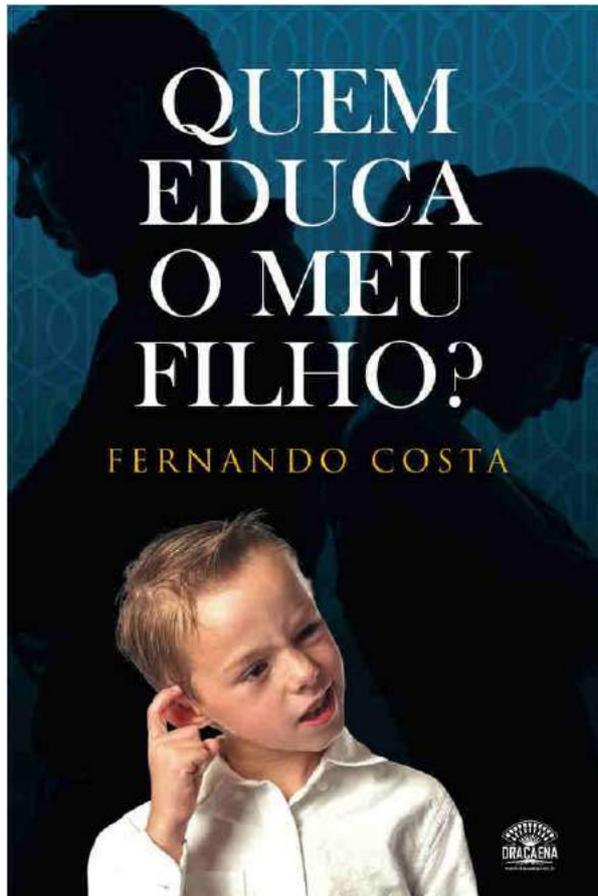
Fernando Costa: Meu planejamento para iniciar no meio literário, navegavam por outras áreas da literatura. Ansiava em começar com

romances ou dramas administrados por pontuações psicológicas. Mas, a demanda clínica redirecionou todo planejamento.

Como psicoterapeuta, passei um período acompanhando crianças e, quando chegava o momento de migrar da fase investigativa para a fase de tratamento, a psicoterapia era redirecionada aos pais. Se os pais não mudam suas condutas, não haverá transformação na criança. O bom é que a mudança das crianças foi rápida e, a partir de então, recebi muitos convites de escolas para ministrar palestras aos pais sobre “educar psicologicamente”. Em todas elas, sem exceção, as dúvidas e as inseguranças dos pais eram as mesmas o que concerne ao ato de educar. Muitos deles até brincavam dizendo: “Nossos filhos podiam vir com manual para educar”.

Foi com base nestas demandas que resolvi ajudar aos pais aflitos, escrevendo **QUE EDUCA O MEU FILHO?**

Conexão Literatura: Você é autor do livro “Quem educa o meu filho?”. Poderia comentar?



Fernando Costa: Em “Quem Educa O Meu Filho?”, chamo a atenção sobre a real responsabilidade dos educadores (a família) no curso do desenvolvimento infantil. Por um prisma prático, descrevo as principais

diretrizes psicológicas que favorecerão os pais a compreenderem como funciona a mente e o comportamento infantil, disponibilizando dicas para trabalhar o vínculo afetivo entre pais e filhos, a compreensão das fases até chegar à autonomia da criança, o controle das emoções, a hora de falar sobre sexo, introduzir a crença religiosa na vida da

criança, o amor como forma de educar, proteger seu filho do bullying, a relação com a internet e os estudos, entre outras.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Fernando Costa: Na verdade esta pesquisa foi empírica, no próprio setting terapêutico. As demandas foram levantadas em cada palestra e encontros com os pais, e trabalhadas na psicoterapia. O livro levou, entre o surgimento da ideia até a busca pela edição, quase 2 anos. Iniciei os trabalhos com os pais em 2013. Hoje, não atendo mais crianças, e sim, os pais.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do qual você acha especial em seu livro?

Fernando Costa: “O amor” é o mais eficiente método psicoterapêutico ao alcance de todos. Amar a si mesmo primeiramente, porque fortalece o Eu interior evitando o desequilíbrio emocional que gera os transtornos psicológicos. Depois, amar o próximo para conjugar sentimentos, sonhos e

metas, jamais dependência ou domínio. Por fim e mais importante, amar a Deus. Por que a criança só aprenderá a amar a Deus se aprender a si amar – como companheiro íntimo e inseparável –, aprender a amar ao próximo incondicionalmente, para entender e capacitar-se a amar a Deus, Nosso Pai Maior.”.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir um exemplar do seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Fernando Costa: O livro está disponível na Livraria Jaqueira, mas podem, também, adquirir através do meu site www.iachc.net

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Fernando Costa: Sim. Tenho livro engatilhado para lançar ainda em 2018 que ajudará ao leitor a se melhorar diante das “doenças” psicológicas que nos cercam. E para 2019, “Quem Educa o meu Filho? – Adolescência.

Perguntas rápidas:

Um livro: Nosso Lar

Um (a) autor (a): Ariano Suassuna

Um ator ou atriz: Paulo Autran

Um filme: “Depois da Chuva”, de Akira Kurosawa

Um dia especial: 8 de março, dia das mulheres

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Fernando Costa: Que os pais deem mais atenção aos seus filhos e favoreçam o vínculo afetivo, disponibilizando mais tempo com intensidade e qualidade.

O amanhã deles, depende diretamente desse tempo.

Para saber mais sobre o autor, acesse: www.iachc.net



**ANUNCIE NA REVISTA
CONEXÃO LITERATURA**

CLIQUE AQUI

PARA SABER MAIS OU ADQUIRIR O LIVRO:
CLIQUE AQUI



**MONNY
ESMERALLDA**

**Autora do livro
"Saga Liberté"**

“Desde que o ter passou a dominar o ser, o homem abandonou a condição de ser único para seguir imitações. É a mentira social, a escravidão que ninguém quer comentar.”

ENTREVISTA:

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Monny Esmeralda: Entre flores e espinhos. Escrever é uma

paixão, um hobby que tento conciliar com as obrigações do cotidiano. É paz no meu coração e é também a maneira de gritar para o mundo a minha alegria e a minha insatisfação. Os espinhos surgiram no início,

quando infelizmente fui enganada por uma Editora portuguesa qual publicou o rascunho do meu livro.

Imagine como um autor reagiria ao ver publicado o manuscrito que foi enviado a editora, 2 anos antes de decidir dar continuidade a publicação? Paguei outra vez, parte do valor integral para rectificarem o erro e eles desapareceram. São os espinhos da vida.

Todas as rosas possuem espinhos, da mesma maneira que há em todo ser humano defeitos. Somente nos tornamos rosas pela vida quando acendemos em nós a chama da dignidade, da coragem de recomeçar como o sol em todas as manhãs e não se tornar o espinho que nos feriu os pés.

Conexão Literatura: Você é autora do livro “Saga Liberté” (Editora Kazuá). Poderia comentar?

Monny Esmeralda: Saga liberté é um grito suprimido.

Fala de liberdade, mas também fala de escravidão, a que vivemos nestes tempos confusos.



Saga Liberté
Monny Esmeralda



Desde que o ter passou a dominar o ser, o homem abandonou a condição de ser único para seguir imitações.

É a mentira social, a escravidão que ninguém quer comentar.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Monny Esmeralda: Antes de escrevê-lo fiz uma visita a Villa Do Conde em Portugal, cidade onde a personagem Luzia viveu antes de regressar a cidade histórica de Santo Amaro da Purificação, pano de fundo para a escravidão com a chegada da Revolução Francesa.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do qual você acha especial em seu livro?

Monny Esmeralda:

– Simão se despediu do pai e cuspiu a revolta no sim oprimido: – Tão grande é a mentira da vida que induz; conduz

trilhar caminhos da realidade, a falsa verdade. Como haveríamos de chamar de verdade o que nasce na mentira?

A realidade é apenas veste para a verdade. O que é verdadeiro

é magno. Fragmentada é a mentira, a hipocrisia

que se reveste de incontáveis nomes com o único fim de

satisfazer os nossos desejos, filhos do instinto, pais da

corrupção, da violência e da falsidade. Por vergonha de

nos aceitar como indivíduos dotados de personalidade

ímpar, entregamo-nos à

mesmice das correntes dos cegos que seguem cegos, dos que

dizem sim, não porque consentem, mas porque temem

negar a maioria e acabar abandonado pela multidão.

E a liberdade?

Passou a ser a matéria-prima para o que é ilícito. Liberdade para enganar, liberdade para

escravizar que se diga a liberdade para distorcer a verdade. Realidade onde defeito passou a ser direito. O homem quer viver o bem e o mal sem censura. A Liberdade se tornou cobertor para aquecer as nossas próprias fraquezas do frio da verdade. Se o homem possuído pelo instinto ama viver de mentiras seguindo a maioria, ele morre sem identidade.

Num mundo onde a maioria está idolatrando a lama, quem são os reis?

Liberté, vida para a verdade, morte para a escravidão.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir um exemplar do seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Monny Esmeralda: Poderá enviar um e-mail para monnyesmeralda1@gmail.com

ou contactar a minha agente: Veronika

C. Veronikahcalvario@gmail.com.

50% das vendas desta edição serão direcionadas para orfanatos e abrigo para idosos.

Conexão Literatura: Existem novos projectos em pauta?

Monny Esmeralda: Sim, dois prontos O perdão turco e Sabin Najat.

Perguntas rápidas:

Um livro: O Evangelho De Jesus Cristo

Um (a) autor (a): Ammonius Saccas

Um ator ou atriz: Sônia Braga

Um filme: A minha vida

Um dia especial: Todos

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Monny Esmeralda: Meus sinceros agradecimentos a Editora Kazuá pela paciência e carinho. Parabéns a revista Conexão Literatura pelo excelente trabalho e dedicação.

Para adquirir o livro escreva para: monnyesmeralda1@gmail.com com Monny Esmeralda ou veronikahcalvario@gmail.com, com Veronika.



**ANDERSON
BORGES COSTA**

**Autor do livro
"O livro que não
escrevi"**

“Minhas leituras não seguem um caminho organizado, linear. Comecei com Orígenes Lessa, com Monteiro Lobato, “Pluft, o Fantasminha”, Ariano Suassuna, com jornais, revistas, com Júlio Verne. Quando me dei conta, já estava lendo Clarice Lispector, Drummond, Shakespeare, Kafka.”

ENTREVISTA:

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Anderson Borges Costa: Eu sempre gostei de ler. Desde criança, o ato de ler esteve relacionado ao elemento lúdico,

a algo prazeroso, gostoso. Gosto de histórias, de narrativas, de mergulhar nos personagens, nas situações, em épocas e em espaços com infinitas possibilidades. Minhas leituras não seguem um caminho organizado, linear. Comecei com Orígenes Lessa, com Monteiro Lobato, “Pluft, o Fantasminha”, Ariano Suassuna, com jornais, revistas, com Júlio Verne. Quando me dei conta, já estava lendo Clarice Lispector, Drummond, Shakespeare, Kafka. Clássicos e contemporâneos, eu sempre os joguei no mesmo saco, sem me preocupar com rótulos. Ao me tornar um leitor mais maduro, mais experiente - aí, sim- passei a ter uma visão mais crítica da literatura. O processo da leitura, para mim, sempre caminhou de mãos dadas com a escrita, com a criação literária. Fiz no ensino médio o curso de técnico em mecânica, mas, no final da



adolescência, não sentia a menor identificação com aquela área profissional. Aos 19 anos, ingressei no curso de letras, que foi o caminho natural para um jovem que enxergava nos livros, na literatura e nas línguas uma forma de lidar com ideias e com a possibilidade de criação artística. Em suma, surgia ali a consciência de que a palavra poderia ser uma poderosa matéria-prima sobre a qual eu pudesse construir, para fazer um trocadilho com o frustrante curso de mecânica, engrenagens, que fizessem pontes existenciais, com o outro e comigo mesmo. O trabalho com a palavra me levou, desde cedo, a construir poemas e contos, nos quais eu crio e experimento (ciente dos riscos que corro) enredos de vida e de (im)possibilidades de vida.

Conexão Literatura: O seu primeiro livro foi o romance “Rua Direita” (editora Chiado).

Recentemente, você publicou seu segundo livro, de contos, “O Livro que não Escrevi” (editora Giostri). Poderia comentar?

Anderson Borges Costa: O conto é o gênero no qual eu me iniciei na literatura. A narrativa curta é mais pontual, pois nela o autor precisa ser mais preciso, ganhar o leitor desde a primeira palavra, antes do final do primeiro parágrafo. Como dizia o escritor argentino Julio Cortázar, no conto, o autor tem que “ganhar o leitor por nocaute”. Isso exige do contista rapidez na ação da narrativa. “O Livro que não Escrevi” é meu segundo livro publicado, mas os contos nele começaram a ser escrito antes do meu primeiro livro (o romance “Rua Direita”). Entre o início do processo de escrita dos primeiros contos em “O Livro que não Escrevi”, escrevi o “Rua Direita”, um romance, que exige mais fôlego literário. Nas narrativas curtas de “O Livro que não Escrevi”, procurei retratar uma grande miríade de situações cotidianas, pois gosto de criar enredos que surgem das pequenas surpresas da banalidade da vida.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto

tempo levou para concluir seu livro de contos?

Anderson Borges Costa: “O Livro que não Escrevi” é escrito por meio de um trabalho quase artesanal com a linguagem, em contos que são, a um só tempo, enredos de histórias independentes, mas que também podem ser lidos como partes de um todo que dialoga com cada uma de suas partes. Neles, o ser humano se apresenta como uma entidade composta de indivíduos dotados de uma complexidade ingênua, capaz de estabelecer intertextualidades surpreendentes. O cotidiano de atos como esperar por um ônibus, servir um jantar, escrever um poema, dormir/sonhar no quarto, aguardar a chegada da pessoa amada, fumar um cigarro ou até mesmo o triste e único gol do Brasil contra a Alemanha na Copa de 2014 (no famoso 7x1) pode ser o gatilho para aprofundar questionamentos existenciais em homens, mulheres, crianças e máquinas. O título dos contos que abrem e fecham estas narrativas são pontas irônicas de uma única linha traçada por vidas que gritam, em cada sílaba, pela possibilidade de existir (se possível, com dignidade). A

metalinguagem também alimenta alguns dos contos. Este livro traz narrativas curtas que escrevi na minha juventude em constante diálogo com contos escritos mais recentemente, interligados por um fio temporal que traduz meu amadurecimento literário e etário.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho o qual você acha especial em algum conto de “O Livro que não Escrevi”?

Anderson Borges Costa: Difícil escolher apenas um, mas vou citar o primeiro parágrafo do conto “Grito, o Poeta”, sobre um homem na Idade da Pedra, que está apaixonado por uma moça que acaba de conhecer. Ele, apesar de não ter desenvolvido ainda a linguagem falada nem a escrita, apesar de nem mesmo ter um nome (ele é apenas o “Grito”), sem saber o que é uma palavra, este homem escreve, com muito lirismo, um poema sobre o amor que está sentindo. O ser humano já tinha emoções e sentimentos antes de emitir a primeira palavra. Brinco com a poesia que já havia antes mesmo do verbo. No início, não era o verbo; no início, era o poema: “Sentado próximo ao rio, ele escrevia um poema no tijolo

ainda úmido. O pássaro que voava sobre as árvores em direção ao rio era parte do assunto do texto lírico que ele tecia. Na mão, segurava uma lâmina pétrea bem afiada com a qual estiletava palavras e metáforas na argila do tijolo. Após terminar uma sequência de versos, percebia que havia construído uma estrofe.

Ao finalizar uma estrofe, as letras já haviam secado para eternizarem-se por milênios na pedra. Verso por verso, estrofe por estrofe, o pássaro voava um poema sobre as árvores.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Anderson Borges Costa: Tanto “O Livro que não Escrevi” como “Rua Direita” podem ser encontrados na internet, nos sites das principais livrarias do Brasil e de Portugal, e também em suas lojas físicas.

Além da versão impressa, ambos também estão disponíveis no formato e-book e podem ser encontrados na Amazon.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Anderson Borges Costa: A literatura não para de me surpreender. Descobri recentemente que o meu primeiro romance, “Rua Direita”, é, na verdade, o início de uma trilogia, que eu chamo de a “Trilogia das Ruas”. No momento, estou mergulhado na escrita do segundo romance desta trilogia, o “Avenida Paulista, 22”. Este será um romance histórico, com grande pesquisa, que se passará em 1922 e depois dará um salto no tempo, um século depois, para o ano de 2022. Tudo na avenida Paulista. Daí, o título “Avenida Paulista, 22”. A última parte da trilogia será o romance “Rua Augusta”. Serão três romances inspirados no que Caetano Veloso cantou no famoso verso da canção “Sampa”, sobre as ruas de São Paulo: “a dura poesia concreta de tuas esquinas”.

Perguntas rápidas:

Um livro: “A Paixão Segundo G.H.”. Fico espantado com a capacidade que a Clarice Lispector tem de elevar à enésima potência o grau de complexidade humana através de uma mulher sozinha dentro

de um quarto minúsculo em sua casa.

Um (a) autor (a): Guimarães Rosa. Este escritor é um inventor de línguas dentro da língua portuguesa, dentro do sertão, dentro de uma vila que cabe no mundo inteiro.

Um filme: “Sociedade dos Poetas Mortos”. Um filme sobre poetas, sobre poesia, sobre sonhos, sobre a arte de ensinar a sonhar com poesia.

Um dia especial: 23 de setembro de 2003. Neste dia, entrei na sala de parto do Hospital São Luiz em São Paulo para acompanhar a minha mulher prestes a dar à luz, e saí da sala já como pai. A partir dali, virei a página e iniciei um capítulo novo no enredo da minha vida. Foi o primeiro dia da primavera daquele ano, e meu filho tem, desde então, trazido muitas flores para mim. Procuro regá-las sempre, inclusive transformando algumas de suas pétalas em literatura.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Anderson Borges Costa: Gostaria de parabenizar o trabalho que veículos como o “Conexão Literatura” fazem no sentido de divulgar a literatura em um país

onde o hábito de ler infelizmente não é uma prioridade. Acho que quem lê com frequência pode estar mais bem preparado para se desfazer de armadilhas lançadas a nós cotidianamente. O leitor pode, quem sabe, traçar

caminhos que o levem além da próxima esquina, além da rua, da avenida, além do horizonte. Leiam, leiam sempre, sem moderação.

Para adquirir o “Livro que não escrevi”: [clique aqui](#).

**DR. ROBERTO
MARTINS DE
SOUZA**



**Autor do livro
"AIDS/HIV - E
outras DSTs"**

“Neste livro procuro descrever as doenças AIDS e o Vírus HIV, bem como outras doenças sexualmente transmissíveis ou DSTs de uma maneira simples, uma linguagem não especificamente técnica justamente para esclarecer estas doenças e assim atingir o maior número de leitores interessados nesse tema.”

ENTREVISTA:

Conexão Literatura: Você publicou o livro "AIDS/HIV e outras DSTs (Doenças sexualmente transmissíveis)",

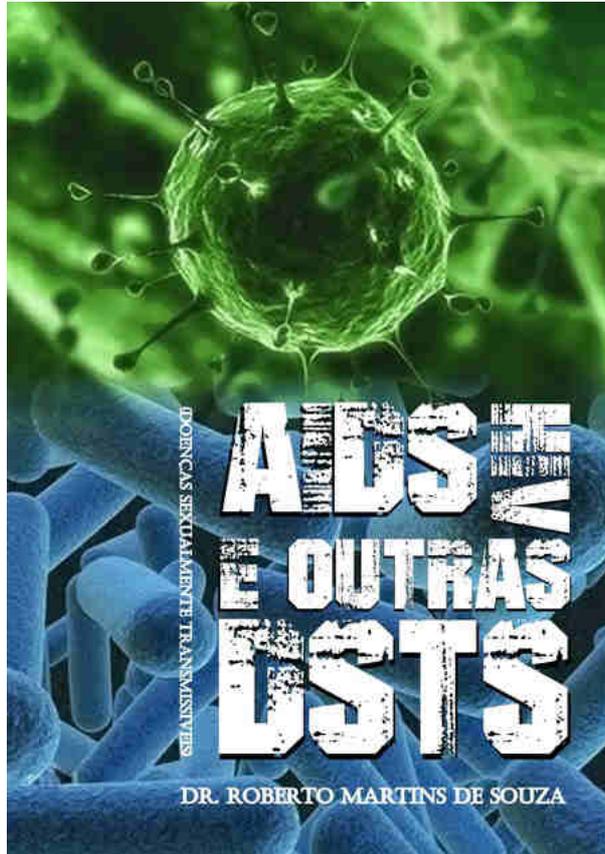
pelo Clube de Autores, um livro que destina-se a todas as pessoas interessadas em adquirir conhecimentos sobre o HIV e

AIDS e de algumas Doenças Sexualmente Transmissíveis. Poderia comentar?

Dr. Roberto Martins de Souza: Primeiro gostaria de iniciar com um

agradecimento a Revista Conexão Literatura e ao Ademir Pascale, editor da revista. Neste livro procuro descrever as doenças AIDS e o Vírus HIV, bem como outras doenças sexualmente transmissíveis ou DSTs de uma maneira simples, uma linguagem não

especificamente técnica justamente para esclarecer estas doenças e assim atingir o maior número de leitores interessados nesse tema. Cabe aqui dizer que muitas dessas doenças estavam sob controle aqui no Brasil desde o século passado e agora ressurgiram, ou seja, os dados estatísticos nos mostram que houve um aumento considerado de casos. E isso é uma preocupação para as autoridades



que estão diretamente ligadas ao combate e o controle das doenças sexualmente transmissíveis, da AIDS e do HIV. Enfatizo que segundo o Ministério da Saúde aponta que

nos casos de AIDS e HIV houve uma diminuição de casos notificados em determinada população e na contra partida houve um aumento de casos notificados em outras populações como, por exemplo: em jovens e idosos.

Conexão Literatura: Quais

são os maiores grupos de risco na contaminação das DSTs?

Dr. Roberto Martins de Souza: Podemos dizer que todos os indivíduos sexualmente ativos e que façam sexo desprotegido podem contrair qualquer uma dessas doenças AIDS, HIV, Sífilis, Gonorréia entre outras. Antigamente se falava muito em grupo de risco, mas hoje preferimos dizer que os

principais acometidos são toda e qualquer pessoa que pratica sexo sem proteção. Ou em alguns casos com objetos sem a devida higienização como nos casos da Hepatite B e que não foram imunizados, ou seja, que não tomaram a vacina contra Hepatite B. É obvio que as maiores vítimas ainda continuam sendo em número de casos notificados os homossexuais, principalmente os jovens. A população heterossexual idosa, seguida pelos bissexuais e os heterossexuais casados e que por este motivo não usam proteção. E profissionais do sexo, assim chamados (garotos ou garotas de programas).

Conexão Literatura: Fale um pouco sobre as entrevistas realizadas para compor o livro com vários profissionais com ampla experiência no assunto.

Dr. Roberto Martins de Souza: O livro é composto de duas formas. Sendo a primeira forma lendo entrevistas dadas por profissionais médicos infectologistas e médicos clínicos que cuidam dessas doenças e que tem vasta experiência no assunto e a segunda forma trata-se da minha própria experiência quando

atuava em hospitais e unidades básicas de saúde e que atendia e cuidava dos pacientes com estas enfermidades.

Conexão Literatura: O seu livro certamente é uma grande ferramenta na prevenção das DSTs. Se existissem mais programas educativos na prevenção das DSTs, seja na tevê, internet, revistas ou nas escolas, elas não seriam bem menos disseminadas?

Dr. Roberto Martins de Souza: Sim. Com certeza. A informação ainda é a melhor ferramenta de instrução e obter maiores esclarecimentos. Infelizmente aqui no Brasil as grandes mídias só falam em AIDS e HIV no período de carnaval ou no mês de dezembro, onde é considerado o dia Mundial de Combate a AIDS e o HIV, fora desse período quase não se há campanhas de orientações e prevenções. Dá a impressão que fora desse período não se contrai essas doenças, não é verdade? Embora em alguns relatos das entrevistas e na minha experiência profissional percebi que muitas dessas pessoas infectadas sabiam da prevenção da AIDS e HIV e de outras Doenças Sexualmente

Transmissíveis (DSTs), porém não se protegeram da forma adequada. E aqui relato alguns dos depoimentos que ouvi: aquela pessoa era tão bonita e parecia tão saudável que na hora do sexo nem imaginei que estivesse contaminada, aquele ou aquela senhora sendo viúvo ou viúva jamais tem alguma doença sexualmente transmissível, isso aconteceu no embalo não imaginei que isso ia acontecer comigo e ainda no caso dos heterossexuais: tinha total confiança no meu parceiro (a). E para finalizar na fala de muitas das mulheres casadas contaminadas: seu eu pedir para o meu esposo usar preservativo (a camisinha) o que ele vai pensar de mim?

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do livro "AIDS/HIV e outras DSTs (Doenças sexualmente Transmissíveis)" para os nossos leitores?

Dr. Roberto Martins de Souza: Neste livro falo de AIDS/HIV e de várias Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs). Porém irei destacar aqui a AIDS e HIV, pois procurei enfatizar que o portador do vírus HIV se não apresentar outras doenças oportunistas não é considerado

um paciente com AIDS ele é um portador do vírus. Muitas pessoas têm esse conceito ou idéia errada. Descrevo o surgimento da AIDS e do vírus HIV no mundo e aqui no Brasil. Sua prevalência, suas causas, os sinais e sintomas, os vários tratamentos existentes e o que considero o mais importante que é prevenção.

Já as DST são aquelas doenças adquiridas por contato sexual (vaginal, oral ou anal) com alguém que já esteja contaminado por uma DST. Elas podem ser causadas por bactérias ou vírus e antigamente eram chamadas de doenças venéreas.

As DSTs afetam a saúde física, emocional e a qualidade de vida de homens e mulheres, sendo os adolescentes e adultos jovens os mais freqüentemente acometidos. Algumas delas têm cura, outras não.

Conexão Literatura: Como os leitores interessados deverão proceder para adquirirem o livro "AIDS/HIV e outras DSTs (Doenças sexualmente transmissíveis)"

Dr. Roberto Martins de Souza: É muito fácil. Basta acessar o site: www.clubedeautores.com.br e

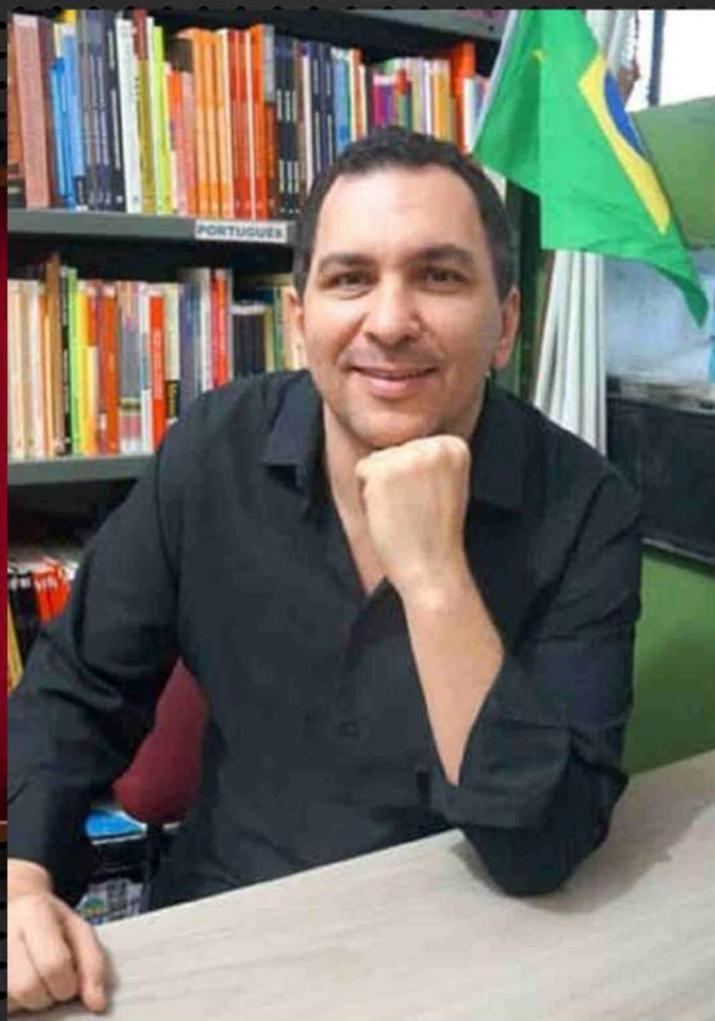
escrever na procura o meu nome e lá irá aparecer esse livro e outros que também escrevi. Que são eles: Memórias e Histórias de Idosos Analfabetos, João Victor: A História de um Garoto de programa e A Tuberculose e Suas Representações Sociais na Sociedade.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Dr. Roberto Martins de Souza: Gostaria de enfatizar que obter o

conhecimento sobre as doenças é a melhor forma de saber se cuidar, de cuidar do outro, de poder transmitir o seu aprendizado a outras pessoas leigas. Sabendo disso poderemos evitar AIDS/HIV e muitas outras Doenças Sexualmente Transmissíveis. Acredito que tendo esses conhecimentos teremos assim a prevenção ao alcance de toda a população. Prevenção considero a palavra chave.

Para saber mais sobre os livros do Dr. Roberto Martins de Souza: [Clique aqui](#).



**GEORGE
ORNELLAS**

**Autor do livro
"Amores e
Crimes"**

“Além dos outros dois volumes da continuação de Amores e Crimes, será lançado mês que vem um livro que fala sobre um jogador de futebol, intitulado ‘Lendário e a Saga do Gol Mil’. Logo após, tenho mais dois romances para serem publicados, ‘A Garota’ e ‘A Assistente’.”

ENTREVISTA:

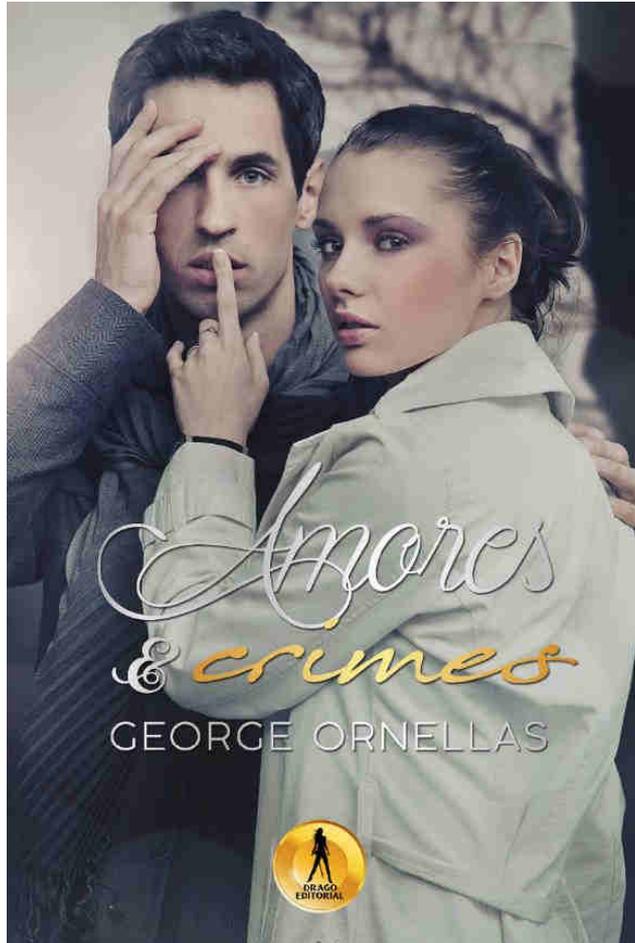
Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

George Ornellas: Meu primeiro livro foi Amores e Crimes, que escrevi há vinte anos atrás, mas não dei seguimento, até que

depois de todos esses anos resolvi voltar a escrever, fazendo uma continuação de Amores e Crimes. Acabei me apaixonando pelo trabalho literário, e desde então continuo escrevendo novas histórias.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “Amores e Crimes” (Drago Editorial). Poderia comentar?

George Ornellas: Amores e Crimes que acabou virando uma trilogia, é um romance policial. A história têm dois pontos centrais. A primeira fala de uma linda história de amor, um casal que se apaixonou perdidamente ainda muito jovens, mas por um mal entendido acabam se separando. Após alguns anos, eles se tornam advogados importantes, se reencontram e por ironia do destino vão trabalhar juntos, percebendo que ainda são apaixonados um pelo outro.



Paralelo a esse romance, acontecem vários crimes, onde ninguém consegue descobrir o assassino, e o casal de advogados que são apaixonados tentam com a ajuda de um detetive desvendar os assassinatos.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

George Ornellas: Esse livro eu escrevi em alguns meses, e como todos os personagens e o enredo da história foram fictícios, não houve necessidade de pesquisa.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do qual você acha especial em seu livro?

George Ornellas: Gosto de vários, mas destaco este, que fala de amor:
 - E então, quer casar comigo?
 - É o que eu sempre quis.

Os dois se beijam e o avião partiu para o Rio de Janeiro, a caminho da felicidade, de um sonho que finalmente se tornou realidade. O avião seguia viagem levando a bordo um verdadeiro amor.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir um exemplar do seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

George Ornellas: Através do site da Drago Editorial e vários outros sites. Haverá também um relançamento do livro mês que vem, na livraria da Travessa do BarraShopping.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

George Ornellas: Além dos outros dois volumes da continuação de Amores e Crimes, será lançado mês que vem um livro que fala sobre um

jogador de futebol, intitulado “Lendário e a Saga do Gol Mil”. Logo após, tenho mais dois romances para serem publicados, “A Garota” e “A Assistente”.

Perguntas rápidas:

Um livro: O Outro Lado da Meia-noite. Sidney Sheldon.

Um (a) autor (a): Fiódor Dostoiévski.

Um ator ou atriz: Anthony Hopkins.

Um filme: Cidadão Kane.

Um dia especial: O lançamento do livro Amores e Crimes na Bienal do Rio de Janeiro.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

George Ornellas: Não desistam dos seus sonhos, e de encontrar o verdadeiro amor. Pois o amor é o maior sentido da vida, é o que nos torna realmente felizes e completos.

Para saber mais sobre o livro : [Clique aqui](#).

**JOSÉ PAULO
LANYI**



**Autor do livro
"Deus me disse
que não existe"**

“No cinema, vou dirigir, ao lado do Tristan Aronovich, o meu primeiro longa-metragem, “Bodega”, filme que também escrevi. É sobre o Caso Bar Bodega, um episódio de injustiça social terrível da década de 90 em São Paulo. Ainda estamos em fase de captação, sob o comando da Luciana Stipp, produtora da LAFilm. Já estão confirmados no elenco atores do nível de André Ramiro, Vera Fischer, Paulo Miklos e Milhem Cortaz.”

ENTREVISTA:

Conexão Literatura: Poderia
contar para os nossos leitores

como foi o seu início no meio
literário?

José Paulo Lanyi: Meu primeiro livro foi “Calixto- Azar de Quem Votou em Mim” (O Artífice/MHW), um romance que conta a história de um ex-deputado, Jonas Calixto, que, abandonado em um asilo, resolve se vingar da sociedade mostrando que político nenhum presta, inclusive ele. Isso foi no ano 2000, muito antes da Operação Lava Jato.

Conexão Literatura: Você é autor do romance cênico “Deus me disse que não existe” (Chiado Editora). Poderia comentar?

José Paulo Lanyi: É uma comédia. Deus e o Diabo conversam em uma “zona neutra” e, depois de muita DR, resolvem acabar com o Céu e o Inferno. Chegam à conclusão de que esse modelo está esgotado. Lúcifer é o narrador e aproveita para puxar a brasa para a sua sardinha. Conta as suas aventuras, faz propaganda do

seu reino e tudo o que pode para desmerecer o seu oponente (ele não acredita que Deus seja seu amigo, apesar das juras do Senhor). O Diabo conduz a sua história com a ajuda de seus

conselheiros, todos personalidades históricas: Gengis Khan, Messalina, Cleópatra, Tamerlão, Sejano e Torquemada. Já adianto que este é o que mais sofre, coitado (risos).

Conexão Literatura: E o que você diz sobre o romance cênico?

José Paulo Lanyi: É uma estrutura híbrida, alia o romance tradicional ao teatro. É uma narrativa longa em prosa e em diálogos. Em meio a tudo isso, delimito falas e ações que integram uma peça de teatro pronta para se encenada. Temos, assim, um romance e uma peça de teatro, tudo junto. É um ótimo exercício literário. Há que se dominarem a prosa e o



diálogo. Espero que os escritores se exercitem nesse gênero.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

José Paulo Lanyi: Esse livro eu escrevi com certa rapidez. O texto fluiu bem. Escrevi a primeira versão em poucos meses, sem pressa. E como na obra as personagens reais que foram para o Inferno têm muito de fictícias, não houve necessidade de uma pesquisa que exigiria muito mais se estivéssemos falando de um realismo histórico.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

José Paulo Lanyi: Eu não diria que é o mais legal, também gosto de vários outros, mas destaco este, por exemplo:

“Começamos como uma lojinha de fundo de quintal. Não vou dizer que os anjos riam da nossa cara. Não, isso eles não fazem. Mas que sorriam, sorriam... Aquele sorriso compassivo dos pais que veem os filhos fazendo bobagem. Os alados não se

preocupavam com os nossos avanços. Achavam que bastava estar ao lado de deus para vencer todo o universo. Mas nós trabalhávamos do lado de cá. Eu e Meus primeiros sequazes. Anos depois éramos milhares. Fui o precursor de todos os grandes conquistadores terrenos. Comandei várias expedições e explorei cada milímetro do planeta em busca de almas defeituosas. É verdade que havia matéria-prima de sobra... Mas fui pertinaz o suficiente para impedir que as primeiras vitórias cultivassem a semente da acomodação. Hoje somos mais poderosos que a concorrência. Hoje os anjos não sorriem mais. Hoje muitos deles desertam para o nosso lado. Hoje temos um território tão vasto que se arrasta para os próprios limites do reino inimigo. Temos centenas de milhares de sentinelas. Temos muitos milhões de delatores. Temos bilhões de habitantes que tudo fariam para cear comigo em palácio. Temos tecnologia para devassar a mente e o sentimento de cada um dos nossos compatriotas. Somos o próprio Poder!”

Note: “Eu e Meus primeiros sequazes”. O Diabo sempre escreve com inicial maiúscula os

pronomes que se referem a si mesmo. E deus, Lúcifer escreve assim, com inicial minúscula (risos).

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir um exemplar do seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

José Paulo Lanyi: O primeiro lançamento do “Deus me disse que não existe” em São Paulo será no dia 18 de abril, uma quarta-feira, às 20 horas, na produtora LAFilm, que fica na Rua Coronel José Eusébio, 37/53, Higienópolis, próximo ao Cemitério da Consolação; o segundo será no dia 12 de maio, um sábado, às 15 horas, no tradicional Projeto Autor na Praça, que fica no Espaço Plínio Marcos, uma tenda no meio da Feira de Artes da Praça Benedito Calixto. Haverá tempo para um bom bate-papo literário. E quem estiver de férias em Portugal será bem-vindo ao lançamento em Lisboa, que será no dia 7 de julho, no Chiado Café Literário, na Rua de Cascais, 57, bairro de Alcântara.

Mas o livro já está à venda online (em euros) para países

lusófonos (link: <https://www.chiadobooks.com/livraria/deus-me-disse-que-nao-existe>)

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

José Paulo Lanyi: No cinema, vou dirigir, ao lado do Tristan Aronovich, o meu primeiro longa-metragem, “Bodega”, filme que também escrevi. É sobre o Caso Bar Bodega, um episódio de injustiça social terrível da década de 90 em São Paulo. Ainda estamos em fase de captação, sob o comando da Luciana Stipp, produtora da LAFilm. Já estão confirmados no elenco atores do nível de André Ramiro, Vera Fischer, Paulo Miklos e Milhem Cortaz.

Também vou dirigir, com o André Ramiro, o documentário “O vencedor das ruas”, sobre a vida do coletor de lixo e maratonista Ivanildo Dias de Souza; e, com o Emerson Luciano Jussiani, o nosso Macarrão, dirigirei o documentário “Alma de Batera”, sobre crianças e adolescentes com síndrome de Down que aprendem a tocar bateria, graças ao pessoal do projeto “Alma de Batera”.

Perguntas rápidas:

Um livro: “Como era verde o meu vale”, de Richard Llewellyn. Homenagem a uma leitura comovente da infância que muito me impressionou. Virou um filme do John Ford.

Um (a) autor (a): Machado de Assis

Um ator ou atriz: Daniel Day-Lewis

Um filme: Na verdade, três: a trilogia “O Poderoso Chefão”, do Coppola. E abuso com a citação de mais um: “O Anjo Exterminador”, de Luis Buñuel.

Um dia especial: Cada um em que estou com a minha esposa, Geisa, e com a nossa gata, Amarelinha.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

José Paulo Lanyi: Um pensamento: apesar do caráter do meu personagem Calixto e de tantos outros do mundo real, não desistam da política. Ela é necessária, fez e ainda haverá de fazer muita coisa boa pelo nosso país. O Jonas Calixto é o mau político. Mas nem todos são como ele. E não se esqueça de que a política é uma expressão do fazer popular. O povo tem que melhorar, de um modo geral. Nós todos temos que melhorar. Se fizermos isso, a política também melhora.

À NEUSA

por Cristiane de Mesquita Alves

Foste a representação da simplicidade,
elegantemente trajada no salto e no tom de batom.
De cores singelas, leves como tu'alma
coberta de brilho escaldante e som apaziguador
de uma voz tranquila, satisfeita
de quem se realiza e brilha sem estardalhaços,
porque estrela da constelação que tu foste,
não precisava anúncios,
brilhava, sem preocupação de apagar.
Foste a mestra, a doutora de sala, de papos d'alma,
mulher exemplar.
Falavas da vida, da beleza, da experiência de quem diz:
Dessa forma fui feliz, agora é sua vez de se realizar.
Foste alguém, muito especial na vida da gente
quem amavas ensinar.
De dia ou de noite,
na sala ou na praça de estar
eras sempre amiga,
pois a comunicação, foi teu dom de ensinar.
Foste a mulher mãe presente distante,
A força da gente que ousou estudar.
Foste a mulher negra quem resistiu teu destino
e doutora chegou, a um mundo cruel, fizeste calar.
Flor negra,
Mulher brasileira,
Paulista que outrora, escolheu a aurora dos rios de Belém para descansar.
Flor negra,
do brilho e do encanto,
crepúsculo de mulher
do cabelo turbante,

afro raiz,
resistência fervil
guerreira lutou com bravura
contra tantos preconceitos
por ter nascido
mulher
negra
por brilhar demais, em um lugar que muitos como tu,
não eras predestinado sonhar ou estar.
Agora,
és a imagem dolorosamente saudosa
guardada no baú da memória das teias saudosas
entrelaçadas lembranças de nossos corações.
Flor bela negra Neusa,
Vieste de um frio inverno,
Atar tua rede nos fios de Hades e Perséfone,
Ouvindo o boto e a Iara cantar.
Numa tarde chuvosa
no mormaço que vive Nossa Senhora,
Vieste descansar ao pé da cidade mangueira
De um solitário outubro,
em que estávamos já nas mãos, nosso abençoado terço.

Cristiane de Mesquita Alves é Professora de Literatura nos ensinos Médio e Superior. Graduada em Letras- Português (UEPA), Letras- hab. Espanhol (UNAMA); Especialista em Análise Literária; Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura (UNAMA); Doutoranda em Comunicação, Linguagens e Cultura (UNAMA/Bolsista CAPES). E-mail: cris.mesquita28@hotmail.com.

O CORPO NO RIO

por Míriam Santiago

— **U**m corpo, vejo um corpo preso a um galho! É um corpo, um corpo! — Grita com toda força uma garganta qualquer em meio a tanta gente caminhando na manhã chuvosa de sexta-feira. E o homem aponta para dentro do rio.

Conseguí entender e ver o que acontecia porque me enfiei no meio da multidão que se formou na ponte, que não me recordo o nome, mas que fica bem próxima à Ponte Vecchio, em Firenze, na Itália.

Olhei ao redor e tudo parou, até mesmo o trânsito para ver o corpo no rio — que depois de dois dias consecutivos de chuva no final de inverno em março — estava cheio, barrento e trazia consigo tudo o que conseguia arrastar: galhos, folhagens etc. E o tronco em questão que trazia um corpo acabou ficando preso em uma das pilastras da ponte.

Em poucos minutos a polícia tomava conta da cena, isolando a

área e com especialistas que entraram na água para retirar o corpo de uma jovem mulher. Vi que a pele era branca e cabelos escuros, mas como entrelaçara-se ao tronco, não se conseguia ver mais que isso, o que aguçou a curiosidade dos presentes e também a minha.

Assim que cheguei ao hotel Palazzo Vecchio, perto da estação ferroviária liguei a televisão, que mostrou todo o minucioso trabalho da polícia, desde a evacuação das pessoas, o isolamento da área, os profissionais que atuavam na retirada do corpo até as poucas informações do paradeiro da moça, cuja nacionalidade ainda era uma incógnita, já que não era italiana e aparentava uns vinte e poucos anos.

E o corpo do rio tornou-se o assunto do momento em Firenze, noticiado em todas as emissoras de televisão e jornais impressos. E aquilo me intrigou, já que fotos da

moça começaram a aparecer bem nítidas na imprensa. Até que num estalo da mente, achei a jovem familiar.

— Mas de onde eu a conheço? — Indagava incessantemente até ficar com dor de cabeça de tanto forçar a memória, e a resposta não vinha. Passaram-se quatro dias desde o ocorrido com a moça e eu não me importava mais com os noticiários, havia deixado prá lá. E as férias seguiam como a programei quando alguém bate na porta do quarto do hotel. Ao abrir, eram dois policiais e eu os deixei entrar. Me entregaram um mandato de busca e intimação para que eu comparecesse à delegacia, pois queriam o meu depoimento no caso da moça do rio.

— Mas o que eu tenho a ver com isso, estou passando férias — Indaguei.

— Você tem a ver mais do que pensa — respondeu-me um dos policiais. — Por favor, nos acompanhe.

Peguei a mochila com os documentos e passaporte e fui com eles. Eu tremia por dentro e nessas alturas minha cabeça estava a mil por hora.

Antes de qualquer coisa colheram minha saliva para testes de DNA. Depois fui para uma espécie de

interrogatório. Nem sei o que respondi, pois o nervoso era tamanho.

— Mas por que fui chamado a depor se eu nem conhecia a moça? — Perguntei.

— Ela era estudante brasileira e tinha 25 anos, estudava arte em Firenzi e foi morta, estrangulada e também encontramos alta dosagem de droga em seu sangue. — respondeu um dos policiais.

— Nossa que horror — respondi —, mas o que eu tenho a ver com isso? — Perguntei-lhe novamente.

— Colhemos sua saliva para o DNA, pois ela transou com alguém antes de morrer e acreditamos que este homem seja o assassino.

Além do mais, após o rosto de Carolina aparecer nos noticiários, recebemos um telefonema anônimo de um homem dizendo que a viu sair da discoteca acompanhada dando alguns detalhes que nos levou até você, respondeu secamente o homem da lei.

— Não pode ser, isso é uma piada, eu não fui a nenhum lugar esses dias, tudo o que fiz relatei a vocês — e logo o policial cortou minha fala e me dispensou até o resultado do DNA, eu não podia sair do país e nem da cidade. E para onde iria?

Não sabia o que fazer e fui direto ao hotel.

Henrique Augusto estava desnorteado e muito contra a sua vontade acabou telefonando ao pai, um grande advogado, que providenciou um voo mais rápido que pode.

De tão nervoso após todos os acontecimentos e suspeita de um crime, Henrique não conseguia dormir e tomou um desses comprimidos, aliás, ele tomava sempre essas drogas para dormir quando estava com algum problema.

Uma placa com três letras maiúsculas YAB invadiu o sonho de Henrique, fazendo-o recordar de momentos anteriores ao crime.

— Muitos jovens dançando, bebendo e fumando ao som de DJs renomados e muita curtidão.

Fui chegando ao balcão para pedir uma bebida e eis que se vira Carolina, a moça morta.

Ela trabalhava como garçoneiro e estava aprontando bebidas a servir, ela sorriu para mim; eu era mais um cliente da noite.

Quando voltava para observar a pista de dança, alguém me dá um esbarrão e perco metade do drink, que cai ao chão.

O rosto dele, porém, se perde no meio de muitos...

Henrique Augusto é chamado novamente à delegacia, pois a investigação teve outro rumo.

— Senhor Henrique, a autópsia nos revelou detalhes surpreendentes deste caso, uma segunda pessoa está também envolvida e ao que parece deve ser o criminoso, — disse um dos investigadores. E logo que fui chamado meu pai chegara e já estava tomando as providências necessárias sobre o caso, que segundo novas provas, Henrique não era o culpado, e sim, um rapaz que foi noivo de Carolina.

— Agora tudo faz sentido, esse homem me usou para me incriminar, vi isso em meu sonho, ele esbarrou em mim de propósito, depois ficamos conversando e distraído ele colocou alguma droga em minha bebida que me fez esquecer de tudo, nem mesmo me lembro que dormi com a pobre moça, se é que dormi — disse eu ao meu pai.

— Sim dormiu, pois o exame atestou — respondeu o pai.

E logo a polícia conseguiu encontrar o criminoso, que se escondera para fugir no momento oportuno, mas se desesperou e acabou sendo morto pela polícia ao reagir à prisão. Luiz Gustavo, de fato, premeditou todo o crime

tentando incriminar outra pessoa. Ele fora noivo de Carolina e nunca se conformou que ela trocou o noivado com casamento marcado para estudar na Itália, bolsista trabalhava na YAB Disco Club Restaurant, famoso clube de Florença localizado bem no centro da cidade.

Ele bolou o crime envolvendo um estranho, drogando-o e o conduzindo a um encontro com ela após o fechamento da boate. O Estranho, no caso Henrique Augusto, já estava no local arranjado, e Luiz Gustavo conseguiu convencer a moça a acompanhá-lo ao final do expediente; não se sabe ao certo como ele conseguiu tal proeza, já que estavam separados há dois anos, mas, enfim, ele levou a ex-noiva ao quarto para transar com Henrique e depois a enforcou e a jogou ao rio. Henrique drogado nada sabia, nem mesmo que havia dormido com a moça, sendo ele a prova do crime com confirmação do ato sexual incriminador. Só que Luiz Gustavo não contava que Carolina na luta pela sobrevivência arrancara partículas de pele nas unhas, prova que o colocou como o principal suspeito. Como Luiz Gustavo reagiu à prisão e foi morto não poderemos esclarecer detalhes

de como ele sozinho conseguiu fazer tudo aquilo.

...

Depois de esclarecido o caso o famoso advogado pai de Henrique conseguiu trazê-lo de volta ao Brasil. Os amigos do jovem o receberam com grande festa para que ele se sentisse em casa depois de tremendo susto.

A vida de Henrique retornara quase à normalidade, se não fosse os sonhos!

...

As noites de Henrique tornaram-se terríveis, verdadeiros pesadelos! Ele sonhava com Firenze, a boate e Carolina! Há, Carolina, tão bela e com um final tão triste! E a lembrança da fatídica noite veio por completo e Henrique lembrou-se de quase todos os detalhes, até mesmo de como a jogou ao rio! O sonho meio acordado foi se desenrolando passo a passo e assim que o ex-noivo tentou enforcá-la, mas não teve coragem, Henrique terminou o serviço e depois se livrou do corpo jogando-o ao rio. Ele se viu transfigurado seu rosto e personalidade eram de um monstro!

Não bastasse essa moça Henrique Augusto também começou a lembrar-se de outras garotas, rostos apavorados apareciam e

desapareciam de sua mente perturbada.

Acordou assustado e rastejando ele amparou-se na parede do quarto para se levantar. Entrou no banheiro para lavar o rosto quando olhou-se no espelho. Por um

momento, ele não reconheceu a imagem de si mesmo, de seu verdadeiro eu, de tantas lembranças malignas que vinham a tona perturbando-o e o deixando cada vez mais confuso de quem era ele realmente, o bem, ou o mal!

Miriam Santiago é jornalista e atua em assessoria de Comunicação. Desde que se formou também em Letras, publica livros de gêneros diversificados. Escreve contos, crônicas, minicontos e nanocontos. Possui blog cultural sobre literatura, cinema, fotografia, cursos, antologias, livros e eventos, entre outros. Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com>. Contato: miriansssantos@gmail.com.

O VENDEDOR DE BALAS

por Cecília Torres Nogueira

Numa estreita rua bem próxima a um córrego, um garoto vendia balas e esperava os carros pararem no farol vermelho. Naquele momento, ajeitava a tira de plástico, feita de balas embaladas uma por uma, que trazia um papelzinho contendo os seguintes dizeres: *balas a um real*. Alguns motoristas até que ajudavam e compravam, pois balas sempre são bem-vindas, ainda mais vendidas tão facilmente no farol. Aliás, melhor assim, vendendo balas do que furtando em faróis.

O pai do garoto estava há muito tempo desempregado e a mãe vivia de lavar roupas para fora. O pequeno vendedor fazia alguns trocados que, às vezes, serviam para comprar alimentos e ajudar em casa. Mas precisava esconder o dinheiro do pai, viciado em bebidas. Por outro lado, comprava cigarros para a mãe, que não conseguia parar de fumar.

O garoto trabalhava desde os cinco anos – isto sem contar que, durante a gravidez dele, a mãe já pedia trocados aos motoristas porque tinha outros filhos para sustentar. Ele dava duro dia e noite. Às vezes, o conselho tutelar o buscava para que ele voltasse para a escola, pois suas faltas eram muitas e todos os professores não entendiam o motivo; pensavam que ele estivesse em alguma *lan-house* ou se drogando nas ruas, pois seus coleguinhas avisaram um dos professores que ele já usava pedra em seu linguajar. O menino sempre dava um jeito de fugir e vender balas e poder sonhar mais um pouco com aquela bola de futebol que queria ganhar no Natal, o pai prometera, mas o dinheiro nunca sobrava por causa dos vícios dele e da mãe.

Chovia torrencialmente, nem tinha como vender balas assim, todos os carros com os vidros fechados. O menino parou bem debaixo do

toldo de uma loja que já não funcionava há algum tempo. Lá ele aproveitou e acendeu as pedras de craque.

Aquele dia já era véspera de Natal. A escola ficou para trás, as notas todas vermelhas, havia estourado em faltas e os pais nem participaram do conselho de classe porque já sabiam do resultado. Seria mais um ano retido na sexta série. Pelo menos ele havia conseguido se consolar com aquela menina que arranjara algumas *pedras* para ele sentir um pouco mais de prazer naquela droga de vida.

Não demorou muito e o frio que tomava o corpo gélido e molhado do vendedor se acendeu como um lampião. As alucinações relampejaram em *flashes* muito rápidos; ele conseguiu ver sua família toda reunida para a grande ceia de Natal, a mesa farta, o peru parecia dançar samba em cima da mesa, os dois irmãozinhos ganhavam presentes caros, um skate e um patinete, roupas de surfe, tênis de marca... Nossa, era uma bagulho e tanto tudo aquilo, pensou. Que bom seria se aquela mina tivesse ali ao seu lado para participar daquilo tudo e ele podia lhe oferecer muito carinho, cara... O bagulho é louco.

Acendeu outra pedra e conseguiu ter outra alucinação. Viu sua avó, que morrera no ano anterior. Ela abriu os braços e clamou pelo neto. Parecida como uma santa envolta em um grande véu branco pediu para que o menino tivesse paciência, pois a bola com que ele tanto sonhava, o pai ia presenteá-lo no Natal.

Nossa! Aquilo tudo foi uma grande e tremenda viagem. Ele retornou para o mundo real. Seus olhos avistaram o presente que tanto ele sonhara a bola que o pai prometera ali, bem diante de seus olhos, rolando na enchente, sem dono, sem eira nem beira, do nada. Puxa vida, que oportunidade imperdível, cara! Nem pensou duas vezes. Aquela bola, apesar de ter um pequeno rasgo, suja e inchada, era uma bola, cara, tinha de ser dele, custasse o que custar. Foi correndo atrás dela, do sonho, um momento mágico, um momento de Ronaldinho. Ia ganhar uma bola de graça. Correu o mais que pôde só que a bola caiu no córrego. Não! E agora, cara? A busca alucinada não podia parar ali, um craque nunca deixaria uma bola escapar para o rio abaixo.

Pegou um pedaço de pau para alcançá-la, mas a chuva, a lama do rio... Não deu, caiu. Caiu e

agarrou-se à bola. Alguns transeuntes tentaram socorrer o vendedor de balas, que cada vez mais afundava na água.

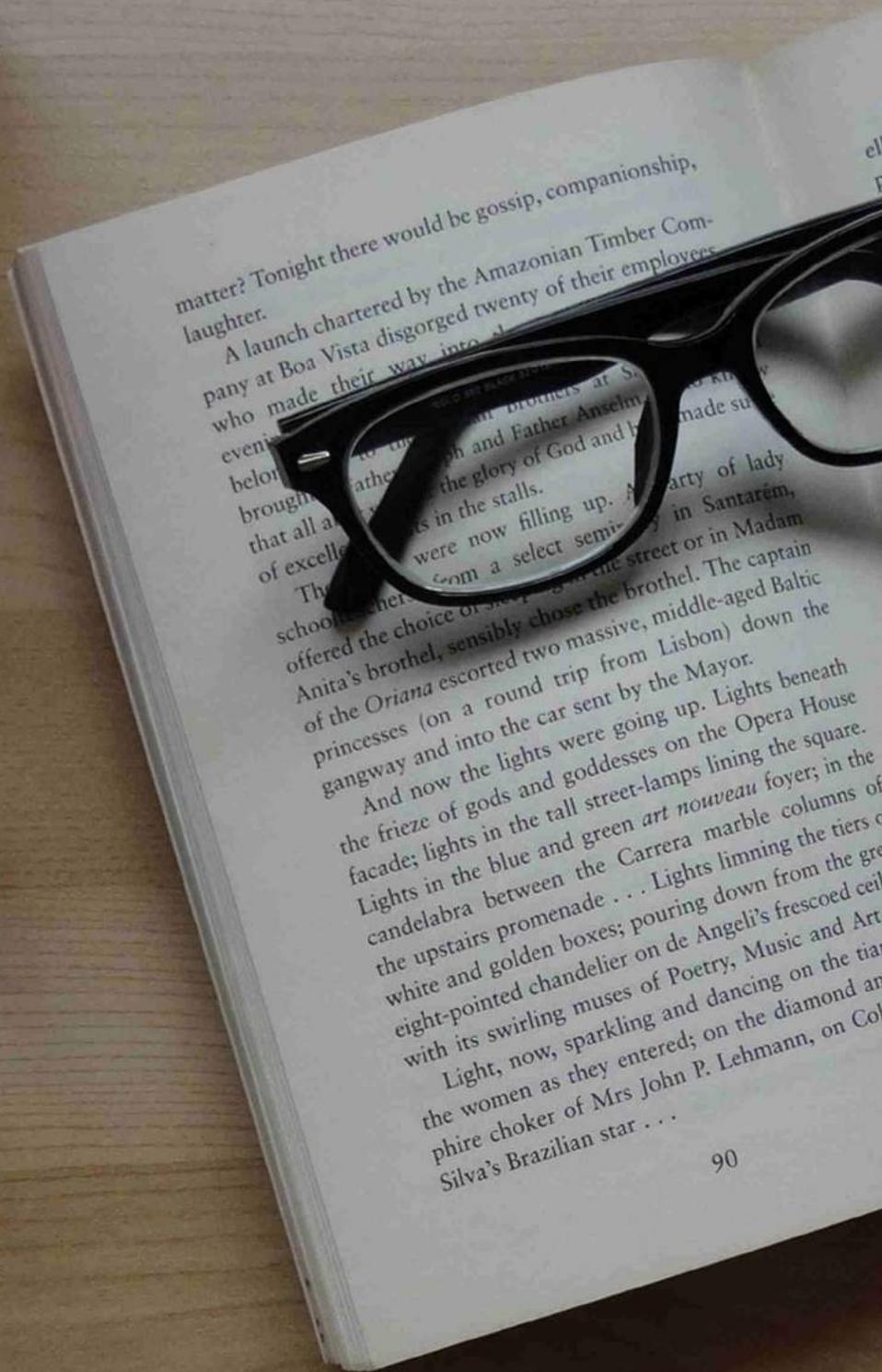
Foi-se. Foi-se um sonho, foi-se a bola de Ronaldinho, foi-se uma família reunida no dia de Natal, foi-se, simplesmente, foi-se. O resgate chegou, mas já não conseguiram chegar a tempo de salvar o grande campeão do time dos meninos de rua que vendem balas no farol. A bola acompanhou-o fielmente até o fim e os dois foram encontrados juntos um do outro. No jardim do além, ele jogava alegremente a bola, chutando-a em direção de sua avó...

Numa bela mansão em um bairro nobre, a patroa pede a uma empregada para jogar fora aquela

boneca que a filha dela já não brinca mais. Acatando a ordem, a empregada não encontrou espaço no lixo e achou melhor jogar o brinquedo naquele córrego que passava bem próximo dali e cortava toda a periferia.

Numa estreita rua bem próxima a um córrego, uma garota esperava os carros pararem para esperar o farol abrir. Neste momento, ela, que vendia balas no farol, ajeita a tira de plástico feita de balas embaladas uma por uma, que trazia um papelzinho contendo os seguintes dizeres: *balas a um real*. Alguns motoristas até que ajudam e compram, pois balas sempre são bem-vindas, ainda mais vendidas tão facilmente no farol. Aliás, melhor assim, vendendo balas do que furtando em faróis...

Cecília Torres Nogueira nasceu em 15/06/1965 na cidade de São Paulo, capital. Professora de português e inglês, possui várias publicações de contos e poesias pela editora Andross e pela editora Illuminare. E-mail: ceciprof@yahoo.com.br.



NÃO FIQUE DE FORA

**Saiba como anunciar ou publicar
em nosso site ou próxima edição:**

CLIQUE AQUI

www.revistaconexaoliteratura.com.br